

**UFMS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**JOYCE JULIETE DE OLIVEIRA**

**ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS EM TRÊS LAGOAS /MS E SUA  
POTENCIALIDADE COMO ATRATIVO TURÍSTICO.**

**TRÊS LAGOAS/MS  
2014**

**UFMS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**JOYCE JULIETE DE OLIVEIRA**

**ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS EM TRÊS LAGOAS /MS E SUA  
POTENCIALIDADE COMO ATRATIVO TURÍSTICO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (CPTL), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Dinâmica ambiental e Planejamento

Orientador: Profº Drº Arnildo Pott

**TRÊS LAGOAS/MS**

**2014**

**JOYCE JULIETE DE OLIVEIRA**

**ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS EM TRÊS LAGOAS /MS E SUA  
POTENCIALIDADE COMO ATRATIVO TURÍSTICO.**

**Banca Examinadora da dissertação apresentada a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS campos de Três Lagoas programa de Mestrado em Geografia, para obtenção de título de Mestre.**

Resultado: .....

Orientador Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Arnildo Pott .....

1º Examinador Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Arnaldo Yoso Sakamoto .....

2º Examinador Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria José Neto .....

**Três Lagoas, ..... de ..... de 2014**

Aos meus pais Antenor de Oliveira Filho e Clarice Gonçalves Juliete de Oliveira, minha filha Agatha Juliete de Oliveira Aquino e meu querido esposo José dos Santos Cordeiro Junior, que para mim são símbolos de inspiração, amor, respeito e cuidado. Dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia dessa Universidade, pela oportunidade, e por contribuir com minha formação profissional.

Ao Professor André Luiz Pinto, com quem iniciei meus trabalhos nesse Curso de Pós-Graduação, pela amizade, por ter apostado em mim, e me acompanhado desde a graduação.

A Professora Edima Aranha, por sempre estar disposta a ajudar, orientar e apoiar neste caminho percorrido, e por ter me ensinado tanto e compartilhado comigo seus conhecimentos e experiências.

Ao Professor Arnildo Pott, meu orientador, pelos valorosos direcionamentos, os quais foram fundamentais para a concentração e foco na pesquisa, e por ter me ajudado encontrar meu lugar no meio científico. Agradeço também pela confiança, dedicação e orientação nesta nossa caminhada.

A valiosa contribuição dos Professores Arnaldo Yoso Sakamoto, Wallace de Oliveira e professor Ailton Luchiari, que colaboraram consideravelmente para a realização deste mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia, por terem colaborado com meu aprendizado e com a construção do meu caminho do conhecimento, e que além de tudo, estiveram sempre dispostos a me ajudar quando necessário.

A secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia, por todos os serviços prestados, toda ajuda e orientação.

A Deus, pois sem Ele, a realização desse e de todos os meus sonhos não teria sido possível. Creio que Ele pejeja por mim e sempre me fortalece.

A minha amiga Cecília Luzia Dourado, por ter me auxiliado no desenvolvimento desta dissertação e me incentivado quando eu mais precisei. Porém, especialmente, por ser companheira de todas as horas, por ser um exemplo de determinação, por ser essa mulher guerreira, meiga e doce ao mesmo tempo, saiba que aprendi muito com você.

Aos meus colegas de mestrado que de uma forma ou de outra colaboraram com esse trabalho, em especial meu amigo Flávio Cabreira dos Santos, por ter me orientado e auxiliado na elaboração dos mapas necessários para uma melhor ilustração do campo de estudo.

A minha família que sempre esteve ativa e fielmente me ajudando, me fortalecendo e torcendo por minha vitória e sucesso, e principalmente por terem cuidado da minha

filha nos momentos em que estive ausente. Dando a ela carinho, atenção enquanto eu não estava presente para dar; zelando e alimentando-a quando necessário, em especial a minha irmã Juliana Juliete de Oliveira.

A minha mãe Clarice Gonçalves Juliete de Oliveira, por ter me dado à vida, por ter me capacitado e encorajado a subir cada degrau que subi na escada da vida.

Ao meu pai Antenor de Oliveira Filho, por ser um exemplo de pai e homem e por sempre me incentivar e encorajar a atingir meus objetivos e sonhos, e em especial, por ser meu porto seguro.

Ao meu esposo José dos Santos Cordeiro Junior, por estar na minha vida, um presente que recebi de Deus pelo qual agradeço todos os dias. Por ser esse homem maravilhoso que é, por ser um ótimo pai para minha filha, meu eterno namorado e amante, meu amigo. Pela paciência, carinho e atenção. Mais principalmente, pela colaboração no desenvolvimento deste trabalho e por ter me auxiliado nas saídas de campo.

A minha filha Agatha Juliete de Oliveira Aquino, por ser o presente mais valioso que Deus me deu, por me amar e deixar ser amada por mim. Por ser minha maior fonte de inspiração para sempre buscar o melhor.

A todos os informantes que participaram da entrevista, pois todos me receberam prontamente e contribuíram significativamente para a construção dos resultados aqui apresentados. Sem todos vocês a concretização desse trabalho não seria possível.

*“Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.”*

*Bosi (2007)*

## **Resumo**

A Etnobotânica trata da verdadeira relação planta-homem com enfoque em vários ramos do conhecimento, como História, Antropologia, Botânica, Ecologia, entre outros. Essa ciência busca analisar e enfatizar o conhecimento tradicional das populações locais sobre a flora e fauna, bem como a utilização desses recursos ambientais em seu cotidiano. Conhecer esses elementos e saber como podem ser úteis nas vidas reforça sua ligação com os biomas regionais. Assim, o objetivo desta pesquisa refere-se ao levantamento das plantas medicinais utilizadas pela população local da cidade de Três Lagoas-MS. Entende-se que o uso de espécies medicinais, além de gerar economias com medicamentos sintéticos, também envolve questões ambientais e a necessidade do desenvolvimento sustentável, dando margem para atividades econômicas alternativas. É nesse contexto que o ecoturismo também surge na pesquisa como uma alternativa turística que vai ao encontro do desenvolvimento sustentável. Desta forma, resultado advindo desta pesquisa mostra que em Três lagoas há uma considerável utilização de plantas medicinais para a cura e prevenção de doenças. De acordo com a pesquisa, foram identificadas 81 espécies de plantas medicinais, citadas em 130 entrevistas.

**Palavras-chave:** Conhecimento popular; desenvolvimento sustentável; ecoturismo; etnobotânica.

## **Abstract**

Ethnobotany is true relation man-plant with focus on various branches of knowledge such as History, Anthropology, Botany, Ecology, among others. This science seeks to analyze and Semphasize the traditional knowledge of local people about the flora and fauna as well as the use of these environmental resources in their daily lives. Knowing these elements and how they can help the lives reinforces their connections with regional biomes. The objective of this research refers to the survey of medicinal plants used by the local population of Três Lagoas - MS. It is understood that the use of medicinal species, and generate economies with synthetic drugs, also involves environmental issues and the need for sustainable development, giving rise to alternative economic activities. It is in this context that ecotourism also emerges in the research as an alternative that meets the sustainable development. Thus, emerging results from this research shows that in Três Lagoas - MS there is considerable use of medicinal plants for healing and disease prevention. According to the survey, we identified 81 species of medicinal plants, through 130 interviews.

**Keywords:** Popular knowledge; sustainable development; ecotourism; ethnobotany.

## **LISTA DE FIGURAS**

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1-</b> Mapa de Três Lagoas localizado no Estado do Mato Grosso do Sul  | 37 |
| <b>Figura 2-</b> Ponte Ferroviária Francisco de Sá, inaugurada no ano de 1926, ligação do Estado de São Paulo a Três Lagoas através da Novoeste do Brasil. | 39 |
| <b>Figura 3-</b> Localização da Usina Hidrelétrica JUPIÁ   | 40 |
| <b>Figura 4-</b> Vias de transporte que atendem o município de Três Lagoas   | 41 |
| <b>Figura 5-</b> Mapa do Turismo Brasileiro – “Regionalização Turística”   | 43 |

## **LISTA DE GRÁFICOS**

|   |    |
|---|----|
| <b>Gráfico 1-</b> Porcentagem de informantes por faixa etária   | 66 |
| <b>Gráfico 2-</b> Porcentagem de informantes dividida por sexo  | 66 |
| <b>Gráfico 3-</b> Distribuição de informantes por faixa etária  | 67 |
| <b>Gráfico 4-</b> Partes vegetais utilizadas na preparação dos medicamentos caseiros em Três Lagoas/MS. | 80 |

## **LISTA DE MAPAS**

|  |    |
|--|----|
| <b>Mapa 01-</b> Mapa de Três Lagoas localizado no Estado do Mato Grosso do Sul | 37 |
| <b>Mapa 02-</b> Localização da área de estudo                                  | 64 |

# SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | <b>15</b> |
| 1.0 REFERENCIAL TEÓRICO   | 19        |
| 1.1 O USO DAS PLANTAS NA MEDICINA POPULAR: UM RESGATE HISTÓRICO                                   | 19        |
| <b>1.1.1 O uso das plantas medicinais no Brasil</b>   | <b>20</b> |
| 1.2 ETNOBOTÂNICA E SUA TERMINOLOGIA   | 23        |
| 1.3 ETNOBOTÂNICA E SUA DIVERSIDADE CULTURAL   | 26        |
| <b>1.3.1 Conhecimento Tradicional</b>   | <b>27</b> |
| 1.4 PRÁTICAS COMPLEMENTARES DE PLANTAS MEDICINAIS E SUA POLITICA NACIONAL                         | 29        |
| <br>  |           |
| 2.0 ETNOBOTANICA E SEU POTENCIAL TURÍSTICO  | 31        |
| 2.1 TURISMO E SUA DEFINIÇÃO   | 31        |
| <b>2.1.1 O turismo no Estado do Mato Grosso do Sul</b>  | <b>35</b> |
| <b>2.1.2 Três Lagoas, Cidade das Águas: aspectos históricos, turísticos, econômicos e sociais</b> | <b>38</b> |
| 2.3 ETNOBOTÂNICA E SEU POTENCIAL “ECOTURÍSTICO”   | 44        |
| <br>  |           |
| 3.0 METODOLOGIA   | 46        |
| 3.1 DISCUSSÃO TEÓRICA METODOLÓGICA  | 46        |
| <b>3.1.1 Procedimentos metodológicos</b>  | <b>49</b> |
| 3.2 OBJETIVO GERAL  | 51        |
| 3.3 OJETIVOS ESPECÍFICOS  | 51        |
| 3.4 ANÁLISE DOS DADOS   | 51        |
| <br>  |           |
| 4.0 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA E ESTUDO   | 54        |
| 4.1 LOCALIZAÇÃO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS-MS  | 53        |
| <b>4.1.1 Clima</b>  | <b>55</b> |
| <b>4.1.2 Geologia</b>   | <b>56</b> |
| <b>4.1.3 Hidrografia</b>  | <b>57</b> |
| <b>4.1.3 Cobertura Vegetal</b>  | <b>57</b> |
| <b>4.1.5 Atividades socioeconômicas</b>   | <b>58</b> |
| 4.2 METODOLOGIA DE PESQUISA ETNOBOTÂNICA  | 59        |
| <b>4.2.2 Escolha dos informantes</b>  | <b>60</b> |
| <b>4.2.2. Coleta de dados</b>   | <b>61</b> |

|  |           |
|--|-----------|
| <b>4.4.3. Organização e análise dos dados</b>                        | <b>61</b> |
| <b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>                                      | <b>63</b> |
| 5.1 ENTREVISTAS E COLETAS REALIZADAS                                 | 63        |
| 5.2 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES                                   | 65        |
| 5.2 ESPÉCIES ENCONTRADAS NAS RESIDÊNCIAS LOCAIS                      | 68        |
| <b>5.2.1 Espécies comercializadas no Município de Três Lagoas-MS</b> | <b>75</b> |
| 5.3 FORMAS DE PREPARO  | 77        |
| <b>5.2.1 Partes vegetais utilizadas</b>                              | <b>80</b> |
| <br>   |           |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS   | 81        |
| <br>   |           |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS   | 84        |
| <br>   |           |
| APÊNDICES  | 94        |
| <br>   |           |
| ANEXOS   | 99        |

## INTRODUÇÃO

De acordo com Amorozo (1996), toda sociedade humana acumula uma bagagem de informações sobre o ambiente em que vive, incluindo o conhecimento sobre a utilização de plantas, que lhe possibilita prover suas necessidades de sobrevivência.

Marondin (2001) destaca que o uso de plantas para o tratamento da saúde teve seu registro em diferentes épocas, e permanece até os dias atuais a fazer parte da cultura de diferentes povos.

Devido ao crescente interesse pelos produtos naturais, as interações entre populações humanas e plantas, assim como a investigação de novos recursos vegetais, têm merecido algum destaque na atualidade, conforme Martins (1995). Porém, o acervo de conhecimentos empíricos e um patrimônio genético de valor inestimável, segundo Amoroso & Gély (1998), se encontram ameaçados devido à desagregação dos sistemas de vida tradicionais que acompanha a devastação do ambiente e a intrusão de novos elementos culturais.

A Etnobotânica trata da verdadeira relação planta-homem com enfoque em vários ramos do conhecimento, como História, Antropologia, Botânica, Ecologia, entre outros. O conhecimento tradicional sob vários enfoques possibilita entender as culturas, bem como a utilização prática das plantas, ou Etnobotânica, ciência que enfoca a valorização, os conhecimentos e as medicinas tradicionais; a preservação da flora a utilizar o conhecimento advindo da investigação científica; a ampliação do conhecimento sobre propriedades úteis de plantas; fundamentos para estudos étnicos, antropológicos, botânicos e ecológicos sobre as comunidades envolvidas na pesquisa; subsídios ao Poder Público no desenvolvimento socioeconômico e ambiental (Silva & Souza, 2007).

A Etnobotânica é definida por Amorozo (1996) como o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, considerando como o grupo social classifica e usa as plantas. Também é importante ressaltar que a prática etnobotânica recebeu diferentes enfoques com o passar do tempo, cada qual a refletir a especialidade dos pesquisadores. Sendo interdisciplinar, permite agregar diferentes enfoques como o social, cultural, da paisagem, da taxonomia popular, da conservação de recursos genéticos, da linguística e outros (MING et al., 2002).

Para Cotton (1996) a Etnobotânica inclui todos os estudos referentes à relação entre populações tradicionais e plantas. Apresenta como características básicas de estudo o contato direto com as populações tradicionais, buscando uma aproximação e vivência para conquistar a confiança e assim resgatar o máximo de conhecimento sobre a relação de afinidade entre a comunidade e as plantas (RODRIGUES et al. 2001).

Em sua obra, Albuquerque (1997) ressalta que a Etnobotânica possibilita a descoberta de substâncias de origem vegetal com aplicações médicas e industriais e novos usos para componentes já conhecidos, devido ao crescente interesse por compostos químicos naturais; o estudo de drogas vegetais e seu efeito; o reconhecimento e a preservação de plantas potencialmente importantes; a documentação do conhecimento tradicional e dos sistemas de manejo e conservação dos recursos naturais dos povos tradicionais, bem como a promoção do desenvolvimento e preservação dos recursos naturais dos ecossistemas tropicais; e o resgate de cultivares tradicionais, .

Nas últimas décadas, os estudos em Etnobiologia vêm sendo intensificados, visando conhecer e divulgar as estratégias usadas por seres humanos e suas relações com os recursos biológicos, bem como fortalecendo conceitos e métodos de trabalho nesta área (GUARIM NETO, 2000). Entretanto, devem ser tomados cuidados especiais na coleta e preparação de plantas medicinais, na identificação correta e na escolha das partes utilizadas, e, com base em tal conceito, Lorenzi (2008, p.14) destaca que:

O emprego correto de plantas para fins terapêuticos pela população em geral requer o uso de plantas medicinais selecionadas por sua eficácia e segurança terapêuticas.

Assim, Calixto & Ribeiro (2004) destacam que algumas plantas medicinais requerem cuidados especiais em sua ministração, que podem estar diretamente relacionados à planta ou à preparação do remédio.

Há várias maneiras de preparar remédios caseiros de origem vegetal, tais como infusão (utilizada para as folhas, flores e cascas finas), decocção (utilizada para partes duras como a casca, ramos e frutos), suco fresco (utilizado para folhas e flores - devendo ser utilizadas, dentro de 24 horas), pó (utilizado para folhas, flores sementes, raízes e cascas), xarope, cataplasma (colocado sobre o ferimento),

compressa (aplicada quente ou fria com o auxílio de panos ou algodão embebidos em infusão ou suco), entre outros (SILVA & SOUZA, 2007).

Em várias sociedades que usam plantas medicinais, que vêm sendo estudadas, a mesma planta pode ser usada contra mais do que uma doença, ou várias espécies podem ser usadas separadamente ou combinadas (SILVA e SOUZA). Assim, de acordo com Lorenzi (2008), um dos aspectos mais delicados na Etnobotânica refere-se à identidade das plantas. Por ser culturalmente baseada em nomes vernaculares, a verdadeira identidade de uma planta recomendada pode variar muito de região para região.

O homem utiliza recursos vegetais para diversos fins, principalmente alimentício e medicinal (VILA VERDE et al., 2003). A medicina popular vem propiciando contribuições crescentes às ciências, devido à riqueza de conhecimentos e práticas terapêuticas empíricas, influenciadas pelo contexto sociocultural, econômico e físico (CAMARGO, 1976). O uso dos recursos vegetais está fortemente presente na cultura popular que é transmitida de pais para filhos no decorrer da existência humana (SILVA & SOUZA, 2007). Esse conhecimento é encontrado junto a populações tradicionais (DIEGUES, 1996) e/ou contemporâneas, contudo tende à redução ou mesmo ao desaparecimento, diante da ação inexorável da modernidade (GUARIM NETO et al., 2000).

(...) a Organização Mundial de Saúde (OMS), visando diminuir os números de excluídos dos sistemas governamentais de saúde, recomenda aos órgãos responsáveis pela saúde pública de cada país que: a) procedam levantamentos regionais das plantas usadas na medicina popular tradicional e recomendem o uso daquelas que tiverem comprovadas sua eficácia e segurança terapêuticas; c) desaconselhem o emprego das práticas da medicina popular consideradas inúteis ou prejudiciais; d) desenvolvam programas que permitam cultivar e utilizar as plantas selecionadas na forma de preparações dotadas de eficácia, segurança e qualidade (LORENZI & MATOS, 2008, p.11).

Deste modo, estudos concernentes à medicina popular têm merecido crescente atenção devido à gama de informações à ciência contemporânea. É

---

<sup>1</sup> Artigo: Levantamento Etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela população da vila Canaã região Sudoeste - Goiânia, Goiás. Disponível em: <http://anhanguera.edu.br/home/index2>. Acesso em jan. de 2014

notável o aumento do número de interessados no conhecimento sobre plantas medicinais, cujos medicamentos destinados às doenças pouco solucionadas pela medicina moderna – tais como o câncer, viroses, imunodeficiências, entre outras – tornaram-se atrativos à população (PARENTE & ROSA, 2001).

As plantas medicinais têm um papel socioeconômico muito importante, tanto para as populações rurais, quanto as urbanas. O uso de espécies medicinais, além da economia com medicamentos sintéticos, também envolve questões ambientais e a necessidade do desenvolvimento sustentável, dando margem para atividades econômicas alternativas. É nesse contexto que surge o ecoturismo como uma alternativa turística que vai ao encontro do desenvolvimento sustentável.

Assim, o objetivo desta pesquisa refere-se ao levantamento das plantas medicinais utilizadas pela população do município de Três Lagoas/MS, bem como a utilização da Etnobotânica como mais um atrativo ecoturístico local e como mais uma alternativa econômica sustentável.

## 1.0 REFERÊNCIAL TEÓRICO

### 1.1 O USO DAS PLANTAS NA MEDICINA POPULAR: UM RESGATE HISTÓRICO

Para Jorge e Moraes (2003) a utilização de plantas para variados fins é um ato que se concretizou na história da civilização humana, e que é possível ver e acompanhar até nos dias atuais. Desta forma, a Etnobotânica vem cada vez mais despertando o interesse de pesquisadores nos últimos anos, visto que, suas implicações ideológicas, biológicas, ecológicas e fisiológicas dão uma importância significativa ao seu crescente progresso metodológico e conceitual.

As práticas de utilização de plantas para combater dores ou tratar doenças são tão antigas quanto à história da humanidade. Para Mors (1982) o processo de evolução da "arte da cura" ocorreu por tentativas de erros e acertos. De acordo com Berg (1993), desde a pré-história o homem procurou aproveitar princípios ativos descobertos por acaso nos vegetais, de modo totalmente empírico ou intuitivo, e ressalta que antigos textos caldeus, babilônicos e egípcios já se referiam a algumas plantas usadas em rituais religiosos.

Assim, Lévi-Strauss (1989) destaca que os povos primitivos propiciaram o reconhecimento de espécies vegetais bem como das partes dos vegetais adequadas ao uso medicinal, o reconhecimento do hábitat e da melhor época de coleta.

Em sua obra, Almeida (1993) descreve que a história da "medicina popular" começa provavelmente por Mitriíades, rei de Porto, século II a. C., sendo considerado ele o primeiro pioneiro da farmacologista experimental, no século II a. C. Nessa época, quando já eram conhecidos os opiáceos e inúmeras plantas tóxicas. O papiro de Ebers, de 1550 a. C., descoberto em meados do século passado em Luxor, no Egito, foram mencionadas cerca de 700 drogas diferentes, incluindo extratos de plantas, metais e venenos de animais, de procedências diversas.

Também são encontradas referências a plantas ditas curativas ou seus derivados na Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, por exemplo, aloes, benjoim e mirra. Na antiguidade, na Grécia e em Roma, a medicina era dependente da utilização de plantas. Campêlo (1984) comenta a obra "Corpus Hippocraticum", na qual Hipócrates fez uma síntese dos conhecimentos da época, com indicação de um remédio vegetal para cada enfermidade.

De acordo com Aleixo (1992), egípcios, assírios, hebreus, indianos, romanos, espanhóis, africanos e todas as civilizações deixaram escritos sobre o poder das ervas, assim como os Estudos Alquimistas medievais, sobre elixires de longa vida e a procura de plantas miraculosas e afrodisíacas (BERG, 1993), apesar de que, segundo Câmpelo (1984), nessa época a prática da medicina natural teve uma fase de estagnação, pois pessoas “civilizadas” eram menosprezadas ao usar plantas em tratar seus males.

Berg (1993) ressalta que é na Idade Moderna que a Botânica começa a ganhar força própria, em colaboração com a Medicina. Porém, a partir do século XX até a década de 1970, principalmente depois da 2ª Guerra Mundial, com o advento de antibióticos e o incremento cada vez maior de remédios à base de drogas sintéticas, houve certo abandono e cepticismo acerca das drogas naturais. Porém, devido aos preços crescentes e aos efeitos colaterais dos fármacos sintéticos, as pesquisas sobre drogas de origem vegetal foram reativadas (BERG, 1993).

### **1.1.1 O Uso das plantas medicinais no Brasil**

Ribeiro et al. (1987) destacam a Suma Etnológica Brasileira, na qual reúnem em seu volume I uma série de trabalhos relacionados à Etnobiologia, tratando de aspectos etnobotânicos e etnozoológicos de grupos indígenas do Brasil. De acordo com Lorenzi (2008), desde a primeira chegada dos europeus no Brasil, já houve uma adaptação com a grande quantidade de plantas medicinais em uso pelas inúmeras tribos que aqui viviam.

Por intermédio dos pajés, os conhecimentos das ervas locais e seus usos eram transmitidos e aprimorados de geração em geração. Tais conhecimentos foram prontamente absorvidos pelos europeus que passaram a viver no país, principalmente através daqueles que faziam incursões mais prolongadas no interior (“sertões”), geralmente com o intuito de apressar índios ou buscar pedras e metais preciosos. A necessidade de viver do que a natureza tinha a oferecer localmente, assim como o contato com índios usualmente usados como “guias”, terminou por ampliar esse contato com a flora medicinal brasileira (LORENZI & MATOS, 2008 p.12).

Desde os tempos coloniais a rica flora brasileira tem sido objeto de estudo. Porém alguns conhecimentos sobre a flora local acabaram se fundindo

àqueles trazidos da Europa. Quanto a publicações, Piso (1648) foi um dos primeiros a elaborar edições sobre flora brasileira, com riqueza de detalhes e ilustrações.

<sup>2</sup>Já com o estudo taxonômico sobre plantas medicinais no Brasil se destaca Martius (1843). Obras como as de Caminhoá (1884), Pio Corrêa (1926-1962), Cruz (1965) e Peckolt (1888-1914) deram grande contribuição ao conhecimento sobre plantas medicinais brasileiras. Penna (1946) concluiu a obra de 6 volumes de Pio Correa do “Dicionário de Plantas Medicinais”.

A “Flora Brasílica”, lançada por Hoehne (1930,1939), em vários volumes, salienta a importância econômica e medicinal das plantas. O livro “Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais” (Hoehne, 1939) compila informações pertinentes às propriedades das nossas plantas.

Matta (1913) também se destacou com sua obra “Flora Medica Braziliense”, em que ressalta a relevância de estudos das plantas por equipes científicas interdisciplinares. Porém, existem muitas citações esparsas sobre virtudes curativas atribuídas a determinados vegetais, e os pioneiros dessas pesquisas muito contribuíram ao despertar o interesse sobre o assunto, e em divulgar os conhecimentos sobre espécies medicinais, como, por exemplo, a obra de Le Cointe (1947) “Plantas e árvores úteis da Amazônia”, trabalho que permanece uma importante fonte de consulta para pesquisadores de diversas áreas de Biologia e Química.

Datam de 1958 as primeiras publicações do INPA sobre estudos de plantas utilizadas na medicina nativa regional. Em 1977, as idéias de Matta (1913) começaram a se cristalizar com a criação do Setor de Fármaco-Dinâmica, operando dentro da Divisão de Química de Produtos Naturais do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

Cavalcante & Frikel (1973) realizam um trabalho sobre a farmacopéia dos índios Tiryó. Berg (1982) realizou um trabalho sobre sistemática de plantas medicinais da Amazônia, que muito têm contribuído para a identificação correta desses vegetais empregados na medicina natural.

Pires (1984), em seus trabalhos sobre os recursos genéticos de plantas medicinais, além de mostrar a importância do estudo e conservação das mesmas, afirma ainda que a “história das plantas medicinais no Brasil mescla-se com a história da Botânica e com sua própria história”.

---

<sup>2</sup> POSSE (2007) - Plantas medicinais utilizadas pelos usuários do SUS nos bairros de Paquetá e Santa Teresa: uma abordagem etnobotânica/ Juliana Costa Posse.- Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Farmácia, 2007.

Martins (1989) também traz em sua obra uma listagem das espécies mais utilizadas com descrição botânica, sinonímia e uso popular e enfatiza que “a pesquisa com plantas medicinais tem sido e continua a ser uma abordagem rica para a procura de novas drogas”. Assim, Albuquerque (1989) ressalta recomendações de coleta, uso e preparo das mais conhecidas ervas medicinais usadas pelas populações da Amazônia. Um repertório de várias espécies com descrição botânica, princípios ativos e uso popular, é apresentado na obra de Vieira e Albuquerque (1998).

Di Stasi et al. (1996) fazem uma abordagem na questão conceitual e metodológica de estudos de plantas medicinais, mostrando com clareza dois pontos fundamentais: a necessidade de sistematização das ações interdisciplinares e o direcionamento destas ações, de acordo com a realidade e as necessidades do meio onde elas se realizam.

Em algumas pesquisas realizadas em comunidades brasileiras é possível conhecer e entender melhor a Etnobotânica brasileira, como pode ser visto na obra de Coelho-Ferreira (2000) realizada em Marudá, município de Marapanim (PA), na qual é feita uma abordagem da utilização de plantas medicinais em uma comunidade de pescadores artesanais, enfocando também aspectos etnofarmacológicos, mostrando sua utilidade como recurso terapêutico valioso para essa comunidade.

Em Algodual, município de Maracanã (PA), Roman (2001) fez inventário e o resgate de saberes tradicionais dos pescadores artesanais sobre as plantas com uso medicinal, bem como determinou a importância cultural das espécies medicinais para revalorizar o conhecimento tradicional.

Albuquerque (1993), Guedes et al. (1985) e Berg (1991) abordaram a cultura negra, quanto aos rituais religiosos afro-brasileiros. Pereira-Martins (2001) realizou o resgate e a sistematização do conhecimento sobre plantas com usos medicinais e alimentícios por uma comunidade negra de Abacatal, município de Ananindeua (PA), onde com dados etnohistóricos fez um breve relato da vida da comunidade, com que identificou transformações socioeconômicas.

<sup>3</sup>A Embrapa Pantanal tem contribuído no resgate dessa cultura, no levantamento da Flora e na divulgação da importância das plantas por meio de dois manuais de identificação: “Plantas do Pantanal” (POTT & POTT 1994) e “Plantas aquáticas do Pantanal” (POTT & POTT 2000), os quais, no total, reúnem respectivamente 520 e 246 espécies ilustradas com fotografias coloridas.

Lorenzi (2008) discute em sua obra as várias disciplinas envolvidas em estudos etnobotânicos e também toma como princípio de que estudos etnobotânicos podem ser um caminho para elaboração de projetos de desenvolvimento para as comunidades envolvidas, partindo-se do conhecimento etnobiológico das pessoas, citando vários outros autores renomados e contribuintes na bibliografia etnobotânica do Brasil.

## 1.2 ETNOBOTÂNICA E SUA TERMINOLOGIA

Etnobiologia é um termo relativamente recente, apesar de que estudos mais antigos já tenham cunho semelhante aos estudos etnobiológicos atuais. De acordo com Diegues (1996), essa terminologia surgiu com a linha de pesquisa conhecida como Etnociência, que ganhou impulso após 1950 por alguns autores norte-americanos, principalmente sobre populações autóctones da América Latina.

Posey (1987) definiu Etnobiologia como o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por comunidades humanas em relação ao mundo natural e às espécies, ou seja, é o estudo do papel da natureza nas crenças e na adaptação do homem ao ambiente. Já para Diegues (1996), a Etnociência trata do conhecimento de diferentes sociedades sobre os processos naturais, buscando entender a lógica subjacente ao conhecimento tradicional sobre a natureza, as taxonomias e as classificações totalizadoras. Para o mesmo autor, desde o século passado muitos trabalhos já podem ser considerados etnobiológicos, sendo que no Brasil a produção científica nesta área começou a crescer na década de 1970 (DIEGUES, 2001).

Lévi-Strauss (1989) foi um dos antropólogos pioneiros na área de Etnociência, ao analisar os sistemas de classificação indígenas. Outrossim, segundo Albuquerque (1997), o termo “Etnobotânica” foi empregado pela primeira vez em

---

<sup>3</sup> POTT; POTT; SOBRINHO – Artigo: plantas úteis à sobrevivência no Pantanal – IV Simpósio sobre recursos naturais e socioeconômicos do Pantanal – Corumbá/MS – 23 a 26 de nov. 2004.

1895, pelo botânico norte-americano Harshberger, para designar o estudo de “plantas usadas pelos povos aborígenes”, em auxílio à elucidação da posição cultural das tribos indígenas.

Etnobotânica foi definida por Yepes (1953) como a ciência etnológica que estuda a influência da vegetação na cultura e as relações entre o homem e as plantas, visto que a influência é recíproca: a vegetação modifica a cultura e esta altera a vegetação, em contínuas ações e reações.

Para Albuquerque (1997), a Etnobotânica é basicamente entendida como a disciplina científica que se ocupa da inter-relação entre plantas e populações humanas e vem conquistando crescente prestígio dadas as implicações ideológicas, biológicas, ecológicas e filosóficas. O mesmo autor destaca que a prática etnobotânica é relativamente complexa, marcada por diferentes enfoques, parte exatamente do encontro entre eixos disciplinares. Isso significa que a pesquisa etnobotânica, centrada na dualidade seres humanos/plantas, recai justamente no ponto de convergência desses dois elementos.

De acordo com Amorozo (1996), um dos pioneiros nos estudos etnobotânicos foi Richard Evans Schultes, botânico sistemata, que descreveu o preparo e a utilização de plantas empregadas como medicamentos, alucinógenos, anticoncepcionais, entre outros, por índios do noroeste da Amazônia. Inicialmente, a Etnobotânica considerou apenas os aspectos específicos do uso de plantas por indígenas, passando posteriormente à pesquisa entre outros grupos humanos (ALMEIDA, 2001, p. 123). Conforme Almeida (2001), Gilmour foi um dos primeiros a ressaltar que a Etnobotânica não era somente o estudo da botânica dos índios, mas de todo o conhecimento tradicional sobre as plantas e sua história de vida.

Amorozo (1996), em uma adaptação ao conceito de Posey (1986) para Etnobiologia, define a Etnobotânica como “a disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal; este estudo engloba tanto a maneira como um grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a ela”.

De acordo com Cotton (1996) e Albuquerque (1999), a conceituação de Etnobotânica evoluiu ao longo do século XX, quando pesquisadores de diversas áreas expunham avanços de pesquisa, no registro do uso da flora, como também do manejo feito pelas comunidades para obter e manter os recursos. Ainda, a Etnobotânica é a ciência que liga a Antropologia à Botânica, mas também envolve

outras disciplinas (ALBUQUERQUE 1999) e tem propiciado maior entendimento da ecologia pertinente ao uso de plantas (PRANCE 1991). É através da Etnobotânica que se busca o conhecimento e o resgate do saber botânico tradicional particularmente relacionado ao uso dos recursos da flora (GUARIM NETO et al. 2000).

As pesquisas etnobotânicas, por muito tempo, foram baseadas nas vertentes da escola norte-americana, tendência ainda forte, mas vem mudando (SILVA, 2002). Albuquerque (2000) distingue Etnobotânica de Botânica Econômica, conforme Ricker e Daly (1998): “Botânica Econômica” é a ciência das plantas úteis, considerando aspectos de taxonomia, farmacognosia, ecologia e economia, e “Etnobotânica” é a ciência da relação entre plantas e culturas humanas, com elementos de outras disciplinas. Albuquerque (2000) acrescenta que, enquanto a Botânica Econômica tem seu foco na exploração de recursos, a Etnobotânica é sempre focada nas inter-relações.

Muitos métodos etnobotânicos têm sido citados na literatura, tais como, os trabalhos dos notáveis cientistas Berg (1982), Posey (1985), Elisabetsky (1986), Jain (1987), Lentz (1993) e Amorozo (1996), entre outros.

Prance (1991) ressalta a importância de realizarem-se estudos etnobotânicos não somente sobre povos indígenas, mas também populações rurais tradicionais, como os caboclos amazônicos, que guardam heranças de conhecimentos e procedimentos no uso de plantas oriundos de grupos indígenas já extintos; são populações ainda menos estudadas do que os índios, particularmente as remanescentes de quilombos. Segundo Berg (1993), Carrara (1995) e Simões et al. (1998), a utilização popular de plantas medicinais no Brasil, com fins terapêuticos e rituais religiosos, provém de diferentes origens e culturas tradicionais, além dos índios brasileiros destacam-se as seitas afrobrasileiras, e a cultura e tradição africana e a européia.

Em concordância com Amoroso (1996), povos indígenas e os mais diversos povos tradicionais habitam ambientes diversificados, explorando uma flora extremamente variada e praticamente desconhecida do aspecto farmacológico. A conservação deste recurso vincula-se e beneficia-se da preservação do conhecimento sobre seus usos. O etnobotânico tem muito a contribuir para que ambas as metas se concretizem.

A abordagem ao estudo de plantas medicinais a partir de seu emprego por sociedades tradicionais, de tradição oral, pode contribuir com muitas informações úteis para estudos farmacológicos, fitoquímicos e agrônômicos, com grande economia de tempo e dinheiro. De acordo com Amorozo (1996), ela nos permite planejar a pesquisa a partir de um conhecimento empírico já existente e muitas vezes consagrado pelo uso contínuo, que deverá então ser testado em bases científicas. Assim, segundo Posey (1992), o conhecimento tradicional etnobotânico pode servir para propiciar novos usos de plantas conhecidas, usos para plantas até então não utilizadas e novas fontes de fórmulas conhecidas e necessárias.

### 1.3 ETNOBOTÂNICA E SUA DIVERSIDADE CULTURAL

Amoroso & Gely (1988) entendem que a planta medicinal é toda espécie vegetal que tenha um valor de caráter curativo para determinada comunidade, que possua uma propriedade real ou imaginária, aproveitada pela comunidade para um ou mais fins específicos de cura, que seja empregada na prevenção, no tratamento, na cura de distúrbios, disfunções ou doenças do homem e de animais.

Este recurso natural, utilizado para tratamento e cura de doenças, é tão antigo quanto a espécie humana. Assim, informações sobre os usos das plantas medicinais e suas virtudes terapêuticas foram sendo acumuladas durante séculos, e muito desse conhecimento ainda se encontra disponível em grupos étnicos e comunidades tradicionais.

Parafraseando Almeida (2001), o emprego do termo “populações tradicionais” é propositalmente abrangente. Contudo, essa abrangência não deve ser entendida como uma confusão conceitual. Pois, ainda de acordo com esse autor, a expressão “populações tradicionais” ainda está em fase inicial de sua vida, mas todos esses grupos considerados tradicionais têm em comum o fato de que tiveram pelo menos em parte uma história de baixo impacto ambiental e de que têm no presente interesses em manter ou em recuperar o controle sobre o território que exploram.

De acordo com Diegues (1996), nas populações tradicionais o uso dos recursos vegetais está fortemente presente na cultura popular que é transmitida de pais para filhos no decorrer da existência humana. E, pelo que se tem observado,

tende à redução ou mesmo ao desaparecimento, quando sofre a ação inexorável da modernidade.

O conhecimento tradicional é o acúmulo de práticas adquiridas por determinada sociedade ao longo do tempo, como resultado de seus valores, de suas crenças, de suas descobertas e de suas vivências experimentadas. Os resultados de todas essas experiências compõem o acervo cultural dessa sociedade. Para Posey (1992), é um sistema integrado de crenças e práticas características de grupos culturais diferentes, que além de informação geral, existe o conhecimento especializado sobre solos, agricultura, remédios e rituais.

Os estudos voltados para a medicina popular têm merecido atenção cada vez maior devido ao contingente de informações que vem oferecendo às ciências do homem. Já que, de acordo com Camargo (1985), no sistema médico oficial, na medicina popular desenvolve-se uma dinâmica própria, segundo o contexto sociocultural e econômico em que se insere. Para esse autor, os componentes tradicionais compreendem as formas reinterpretadas de termos, ideias e práticas de medicina dos antepassados, cujos valores vão sendo adequados à realidade do presente, na medida em que a cosmovisão médica do homem, em constante mutação, vai dando a elas funções e sentidos novos.

O mercado internacional de produtos de plantas medicinais está em expansão há duas décadas, sem sinais de enfraquecimento. Estimativas de Ferreira (1997 citado por SUDAM, 2000) apontam para um mercado mundial com faturamento considerável de produtos farmacêuticos, sendo que os países que se destacam são a Alemanha e a França.

Sendo assim, é importante levar em consideração pesquisas realizadas sobre Etnobotânica, e desta forma recuperar a sabedoria e os saberes produzidos pelos grupos étnicos e as populações tradicionais. É necessário também se ter uma perspectiva conservacionista, investindo no estudo e conhecimentos sobre os recursos naturais.

### **1.3.1 Conhecimento Tradicional**

A cultura é um importante elemento que compõe a identidade social e, por ser dinâmica, apresenta constantes alterações. Os processos de urbanização e globalização ocasionam diversas transformações e mudanças de valores,

contribuindo para que ocorram alterações culturais, resultando, muitas vezes, na perda de elementos e conhecimentos tradicionais importantes. O conhecimento tradicional pode ser entendido como “o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração” e somente pode ser corretamente interpretado dentro do contexto cultural em que é gerado (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 31).

Para Barbosa (1996) a modernidade produziu e vem produzindo modos de vida desvinculados dos tipos tradicionais de ordem social de modo jamais visto, seja na forma, alterando substantivamente o cotidiano ao infiltrar-se na existência de modo íntimo, ou na dimensão, relacionado às possibilidades de expandir a interconexão social. Assim, de acordo com Castells (1999), no contato com o outro, o diferente pode ser percebido como superior e a cultura do grupo pode ser desvalorizada, passando a ser omitida, negada e, por fim, esquecida. Esse é um processo que se verifica nas relações sociais entre o campo e a cidade e que tem levado o morador rural a querer exibir um estilo de vida moderno percebido como único legítimo.

O último século foi marcado notadamente pelo processo de urbanização, pela expansão da produção industrial e intensificação dos modos de geração e consumo de energia. De acordo com Giddens (1991), essas transformações têm acontecido em curto espaço de tempo, principalmente em relação às discontinuidades que respondem pelo ritmo, escopo da mudança e natureza intrínseca das instituições modernas. Ou seja, as transformações pelas quais passam as sociedades capitalistas, urbanas e rurais possuem interface com questões ligadas à organização do trabalho, hábitos de consumo, configurações políticas, poderes e práticas institucionais do Estado, que englobam o sistema público de saúde (BARBOSA, 1996, p. 78).

Porém, muitas comunidades possuem como único recurso terapêutico e medicinal o conhecimento tradicional. Para Amoroso (2006), as culturas tradicionais elaboraram ideias sofisticadas de saúde e bem-estar e para muitas culturas saúde não é a mera ausência de doença. Saúde é um estado de equilíbrio espiritual, de convivência comunitária e ecológica, o que explica provavelmente a inclusão em sistemas de cura tanto de remédios para cura física, quanto para a melhoria e fortalecimento do bem-estar. Além disto, em algumas culturas a escolha por um tratamento é frequentemente explicada por essa complexa compreensão de saúde e

das prováveis causas da doença. Plantas e medicamentos podem ser efetivos não apenas em função de sua ação farmacológica, mas em função do significado cultural que lhes é atribuído.

Desta forma as práticas relacionadas ao uso popular de plantas medicinais são o que muitas comunidades têm como alternativa viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde. Porém, para Pinto et al. (2006) sua continuidade pode ser ameaçada pela interferência de fatores externos à dinâmica social do grupo, como por exemplo: maior exposição das comunidades às pressões econômicas e culturais externas; maior facilidade de acesso aos serviços da medicina moderna; deslocamento das pessoas de seus ambientes naturais para regiões urbanas, o que leva à perda do conhecimento popular acumulado há várias gerações e, conseqüentemente, ao seu desaparecimento. Além disso, Rodrigues e Guedes (2006) destacam que a desagregação dos sistemas de vida tradicionais que acompanha a degradação ambiental e a inserção de novos elementos culturais ameaçam muito de perto um acervo de conhecimentos empíricos e um patrimônio genético de valor inestimável para as gerações futuras.

#### 1.4 PRÁTICAS COMPLEMENTARES DE PLANTAS MEDICINAIS E SUA POLÍTICA NACIONAL

Em 22 de junho de 2006 foi assinado o decreto nº 5813 que aprova a POLÍTICA NACIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS (BRASIL, 2006). Esta política tem caráter interministerial e tem como objetivo garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional. As diretrizes que constam neste documento legal são:

1. Regulamentar o cultivo, o manejo sustentável, a produção, a distribuição e o uso de plantas medicinais e fitoterápicos, considerando as experiências da sociedade civil nas suas diferentes formas de organização.
2. Promover a formação técnico-científica e capacitação no setor de plantas medicinais e fitoterápicos.
3. Incentivar a formação e a capacitação de recursos humanos para o desenvolvimento de pesquisas, tecnologias e inovação em plantas medicinais e fitoterápicos.

4. Estabelecer estratégias de comunicação para divulgação do setor plantas medicinais e fitoterápicos.
5. Fomentar pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação com base na biodiversidade brasileira, abrangendo espécies vegetais nativas e exóticas adaptadas, priorizando as necessidades epidemiológicas da população.
6. Promover a interação entre o setor público e a iniciativa privada, universidades, centros de pesquisa e organizações não-governamentais na área de plantas medicinais e desenvolvimento de fitoterápicos.
7. Apoiar a implantação de plataformas tecnológicas piloto para o desenvolvimento integrado de cultivo de plantas medicinais e produção de fitoterápicos.
8. Incentivar a incorporação racional de novas tecnologias no processo de produção de plantas medicinais e fitoterápicos.
9. Garantir e promover a segurança, a eficácia e a qualidade no acesso a plantas medicinais e fitoterápicos.
10. Promover e reconhecer as práticas populares de uso de plantas medicinais e remédios caseiros.
11. Promover a adoção de boas práticas de cultivo e manipulação de plantas medicinais e de manipulação e produção de fitoterápicos, segundo legislação específica.
12. Promover o uso sustentável da biodiversidade e a repartição dos benefícios derivados do uso dos conhecimentos tradicionais associados e do patrimônio genético.
13. Promover a inclusão da agricultura familiar nas cadeias e nos arranjos produtivos das plantas medicinais, insumos e fitoterápicos.
14. Estimular a produção de fitoterápicos em escala industrial.
15. Estabelecer uma política intersetorial para o desenvolvimento socioeconômico na área de plantas medicinais e fitoterápicos.
16. Incrementar as exportações de fitoterápicos e insumos relacionados, priorizando aqueles de maior valor agregado.
17. Estabelecer mecanismos de incentivo para a inserção da cadeia produtiva de fitoterápicos no processo de fortalecimento da indústria farmacêutica nacional. (BRASIL, 2006)

Pode-se perceber, no item nº10, a valorização do conhecimento das práticas populares de saúde, que mostra que o tema desta pesquisa está de acordo com o que preconizam os dois mais recentes instrumentos legais de normatização de Plantas Medicinais.

## 2.0 ETNOBOTÂNICA E SEU POTENCIAL TURÍSTICO

### 2.1 TURISMO E SUA DEFINIÇÃO

A atividade turística, se desenvolvida de forma sustentável, tem uma contribuição significativa nos setores econômicos e na comunidade local na qual é desenvolvida, tendo em vista o volume de pessoas que mobiliza, os contatos culturais que promove, os empregos que pode gerar e, ainda, porque valoriza os recursos ambientais e culturais das comunidades onde se estabelece.

Assim, entende-se que o turismo necessita ter condições suficientes para a promoção do desenvolvimento sustentável de uma cidade e, quando devidamente planejado, conduza a sociedade ao uso pleno de seus recursos econômicos. É importante respeitar alguns fatores fundamentais para o desenvolvimento sustentável. Entre os mais urgentes e notáveis são respeitar a legislação ambiental, bem como desenvolver campanhas educativas, elaborar projeto para coleta seletiva de lixo e seus destinos viáveis, para o esgoto e para os produtos químicos, assim como efetivar reflorestamentos, preservando, assim, o meio ambiente.

Para a Organização Mundial de Turismo - OMT (1995) “desenvolvimento sustentável do turismo satisfaz as necessidades dos turistas atuais e das regiões receptoras enquanto protege e aumenta oportunidades no futuro” e afirmou que é:

[...] aquele ecologicamente suportável em longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais. Exige integração ao meio ambiente natural, cultural e humano, respeitando a frágil balança que caracteriza muitas destinações turísticas, em particular pequenas ilhas e áreas ambientalmente sensíveis (OMT, 1995, sp.).

Em relação à sua história, pode-se afirmar que o turismo se iniciou quando o homem passou a viajar, sendo essas viagens motivadas pela necessidade de comercializar produtos com outros povos. Barreto (2003) afirma que é preciso diferenciar viagem de outro tipo de deslocamento. Para o autor, o homem primitivo migrava em busca de melhores condições de sustento sem intenção de voltar. Assim, Barreto (2003) entende tal ação não é viajar, por entender que viajar implica em voltar. Ou seja, para esse autor o turismo se iniciou quando o homem passou a viajar motivado pela necessidade de comércio e lazer como forma de conhecer o

mundo, outras culturas e outras línguas. O turismo implica na existência de recursos naturais, recursos artificiais e infraestrutura.

Para alguns autores o turismo se inicia no século VIII a.C. na Grécia, já que as pessoas viajavam para ver os jogos olímpicos a cada quatro anos (DE LATORRE, 1996 apud BARRETO, 2003). Já outros autores acreditam que os primeiros viajantes foram os fenícios, considerados os inventores do comércio (McINTOSH, 1996 apud BARRETO, 2003). Na história da humanidade, encontram-se inúmeras manifestações de viagens, viajantes e até organizadores de viagens, apesar desses deslocamentos terem sido motivados por objetivos muito diversos. De acordo com Barreto (2003), é possível afirmar que as viagens eram um meio para desenvolver o comércio e os desejos políticos de expansão e conquistas territoriais das nações. E posteriormente, a intenção também foi buscar descanso e tratamentos de saúde, por classes mais favorecidas, tornando-se importante causa dos deslocamentos. O primeiro hotel do mundo, o Wekalet-Al-Ghury, no Cairo (Egito), surgiu para atender esses mercadores no século XVI.

Lage e Milone (2000) destacam que no século XX, período compreendido entre as 1ª e 2ª Grandes Guerras, o automóvel veio revolucionar ainda mais as inovações da época e o turismo crescente. Após o automóvel passou-se então para o avião, diminuindo as distâncias consideravelmente e proporcionando ao viajante mais conforto, segurança e rapidez. Conseqüentemente, diversos países começaram a ver o turismo como forma de captação de divisas.

Alguns fatores importantes se destacaram para o desenvolvimento do turismo, entre eles pode ser destacados: o aumento da população, a industrialização, os avanços tecnológicos, especialmente nos meios de comunicação, de transporte e de comercialização dos bens e serviços turísticos.

Atualmente o turismo é uma atividade que se destaca no cenário mundial por agregar valor econômico, social e cultural. É possível observar que o turismo contribui também para com os aspectos sociais e culturais. Parafraseando Coriolano (2002a, p. 69), “o turismo é um objeto de análise tão sério como a indústria, como a comunicação, como a cidade, como a área urbana”. Hoje o turismo pode ser abordado sob o aspecto econômico como um conjunto de atividades que englobam: agenciamento de viagens, hotelaria, indústria, comércio, bares, restaurantes, serviços de transporte, dentre outros. Essas atividades produzem riqueza, geram

empregos e renda. <sup>4</sup>Segundo o presidente da Embratur, Flavio Dino, os eventos realizados em 2013 no Brasil, como a Copa das Confederações, da Fifa, e a Jornada da Juventude, da Igreja Católica, trouxeram para o Brasil R\$ 2 bilhões em gastos dos turistas. "E em 2014, a Copa do Mundo vai movimentar apenas em gastos de visitantes estrangeiros e domésticos um total de R\$ 25 bilhões", afirmou Dino.

O turismo também tem produzido e espalhado valores culturais e sociais por todo o mundo, aumentando o conhecimento e a visualização das manifestações culturais de outros povos e propiciando, principalmente, um relacionamento mais amplo e tolerante entre as nações.

Syad e Silber (2002) ressaltam que as transformações que estão ocorrendo no mundo afetam diretamente o desenvolvimento do turismo. Junto à globalização houve o aumento da competição na maioria dos setores da economia. As barreiras políticas e a ampliação das estratégias das operações comerciais e inovação tecnológica foram reduzidas pela criação dos blocos econômicos entre diversos países. Os blocos procuram reduzir significativamente as tarifas e outras barreiras, eliminando gradativamente o protecionismo e abrindo-se para o comércio internacional.

Para a EMBRATUR (2013), no turismo internacional observa-se que existem poucas ou nenhuma barreiras ao turismo internacional. Os turistas são requisitados tanto pelos países desenvolvidos como pelos do terceiro mundo devido à enorme entrada de capital proporcionada e aos benefícios oriundos de uma consciência e de uma apreciação maior da diversidade cultural.

Vasconcellos e Carvalho (2006, p. 270) destacam que os países detentores de elevado nível de desenvolvimento econômico:

[...] dão grande importância ao turismo por ele se constituir em fator básico de estabilidade do desenvolvimento. É um valioso componente do consumo familiar, oferece considerável contribuição para a solução dos problemas de desemprego, influencia positivamente a balança de pagamentos [...].

Ainda de acordo com esses autores, o turismo representa importante papel para o desenvolvimento regional, conseqüentemente o desenvolvimento também local e necessita ser sustentável, estando relacionado como a preservação

---

<sup>4</sup> EMBRATUR (2012) – Oportunidade de Negócio em Três Lagoas e Brasilândia – MS – Oportunidades para micro e pequenas empresa.

do meio ambiente e com o comportamento das pessoas e do sistema econômico. Para Beni (2001, p.115) turismo sustentável deve compreender “um processo preservacionista estratégico de desenvolvimento interativo e articulado, especialmente delimitado e localizado” e deve se apoiar nas três bases, sendo elas: a ambiental ou ecológica, a social e a cultural e por último, a econômica.

Já para os autores Lages e Milone (2000), Iganarra (1999) e Yazigi (2001) o turismo é considerado como o movimento temporário de pessoas para locais de destino diferentes dos seus lugares de trabalho e/ou de morada. É concebido também como atividades exercidas durante a permanência desses turistas nos locais de destino com a finalidade de satisfazer suas necessidades e desejos, motivados pelas suas expectativas, através do conjunto de serviços que incluem e promovem uma atividade econômica e social.

Beni destaca o turismo como sendo:

[...] um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo há a influência de uma série de fatores que definem o destino, o tempo de permanência, a forma de viajar e o tipo de alojamento (BENI, 2001, p. 37).

Entretanto, o conceito de turista é compreendido por Vasconcellos e Carvalho (2006) como sendo o indivíduo que permanece pelo menos 24 horas no local visitado, tendo como motivo o lazer (férias, prazer, religião, prática de esportes, tratamento de saúde e estudos) e negócios (particulares, missões e reuniões).

Alguns fatores que contribuem para o aumento de turistas são a redução da carga horária de trabalho, o acesso a aposentadorias e o direito às férias anuais, entre outros benefícios advindos das leis trabalhistas e previdenciárias, que ampliaram o tempo livre das pessoas, possibilitando que a sociedade se dedique mais ao lazer, à cultura e ao turismo.

Yazigi (2001) argumenta que para determinada localidade ser considerada como turística é necessário que apresente as seguintes características: densidade de frequência turística, ou seja, fluxo significativo de visitantes, presença de equipamentos e serviços turísticos, representados pela infraestrutura turística (hotéis, restaurantes, agências de turismo, dentre outros) e apresentar uma imagem turística. Essa imagem turística, segundo o mesmo autor, geralmente está associada com o atrativo, como ocorre com os recursos naturais (clima, paisagem, água, flora e

fauna) ou valores simbólicos (históricos culturais ou religiosos, modo de vida e comportamento dos habitantes).

Porém o crescimento do turismo não significa necessariamente geração de benefícios e incentivo no crescimento uniforme. Há situações em que, mesmo o local tendo um grande fluxo de turistas, não apresenta aumento em oportunidades de emprego e distribuição de renda proveniente da atividade, tendo às vezes como resultados impactos negativos por conta de ausência ou falhas no planejamento turístico qualitativo. Ou seja, um planejamento que procure encontrar o equilíbrio entre a eficiência do Desenvolvimento Local, crescimento econômico, distribuição da renda e, por fim, que respeite os recursos naturais e as limitações ambientais.

### **2.1.1 O turismo no Estado do Mato Grosso do Sul**

Hoje o turismo sustentável se baseia em procurar conectar a essa atividade a conscientização da necessidade de preservação da natureza com a que possibilite desenvolvimento da atividade, objetivando a preservação do seu meio ambiente. Coriolano (2004) afirma que “só será sustentável aquele turismo que também respeite a natureza, a sociedade e a cultura dos lugares visitados”.

Já para Kotler (1994, p. 221) “a concorrência turística é acirrada entre os mercados que estão constantemente expandindo e mudando. Além das novas localidades, a concorrência aumenta quando os lugares decadentes fazem melhorias e novos investimentos para se desenvolver”.

Desta forma pode-se observar que o turismo vem entrando em uma disputa cada vez mais acirrada, exigindo cada vez mais planejamento e preparação por parte das cidades brasileiras, quanto à infraestrutura, e a preservação das ofertas turísticas locais. Assim, é possível observar ganho econômico e social, como destacou Beltrão, (2001 p. 7):

Nos últimos anos observa-se no mundo o crescimento do fenômeno turístico. Sua contribuição para a criação de renda e melhoria do bem estar dos cidadãos faz-se sentir de múltiplas formas: pela produção e emprego que gera; pelo investimento e inovação que promove; pelo desenvolvimento de infraestrutura que estimula; pela preservação do ambiente e recuperação do patrimônio histórico e cultural que favorece e pela necessidade de satisfação dos indivíduos [...].

Essas questões devem compor as reflexões teóricas e as pesquisas na área turística, pois com a concorrência no mercado, cresce cada vez mais o incentivo à ampliação de investimentos, sendo importante o cuidado em não gerar problemas ambientais, concentração de renda e exclusão do trabalhador sem qualificação.

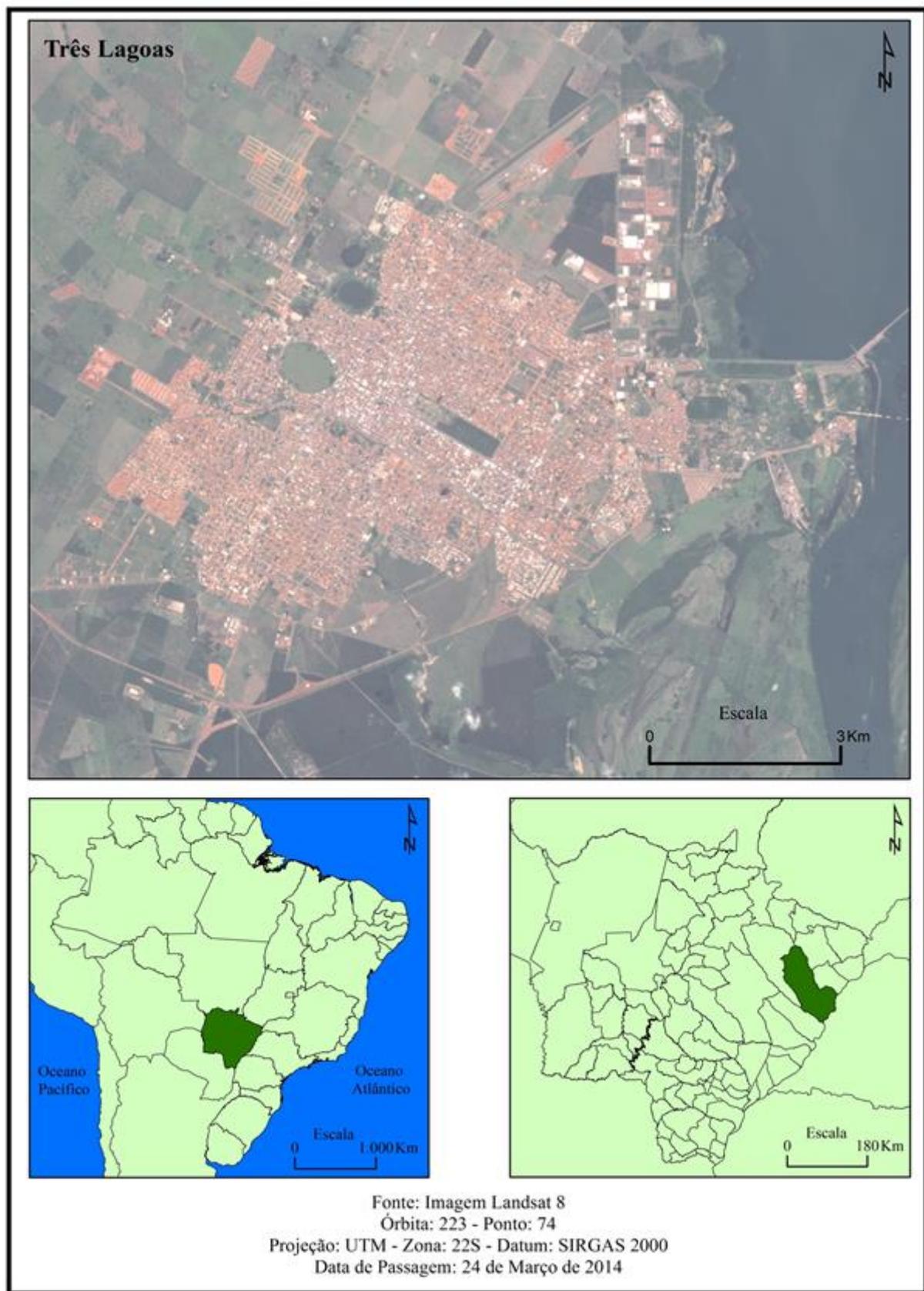
<sup>5</sup>Diante disso, ressalta-se que para que as atividades turísticas tenham êxito é fundamental que existam características naturais que possam gerar interesse e, principalmente, viabilidade econômica. Neste caso, o Estado de Mato Grosso do Sul é privilegiado em belezas naturais, rios de grande piscosidade, ecossistema complexo, turismo de lazer, compras, negócios, cultural, dentre outros. Sabe-se, todavia, que a sustentação do turismo pressupõe planejamento estratégico, elaboração de vantagens competitivas, aprimoramento das condições locais no âmbito da produção de bens e serviços, criação de alternativas econômicas para a localidade, geração de novas oportunidades de emprego de boa qualidade e otimização da utilização de infraestrutura urbana.

De acordo com Teixeira (2001) e Cattânio (1976), o Estado do Mato Grosso do Sul faz parte da região Centro-Oeste do Brasil, com Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal, e divide a fronteira ao sul com a Bolívia e o Paraguai. Também faz divisa com cinco Estados brasileiros: Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Goiás e Mato Grosso. A localização colabora com intensidade para o seu desenvolvimento econômico, em face da imediação com estados que são grandes centros consumidores do País. O Estado desenvolveu-se rapidamente, recebendo imigrantes portugueses, espanhóis e paraguaios, assim como mineiros, paulistas e nordestinos. Sua extensão territorial corresponde a 18% da região Centro-Oeste e 4,19% do Brasil, com 358.159 km<sup>2</sup>, contendo 65% da área total do Pantanal (89.318 km<sup>2</sup>). O Estado é dividido em duas grandes bacias hidrográficas: a do Rio Paraná, constituída basicamente de chapadões, planaltos e vales, e a do Rio Paraguai, formando o Pantanal.

---

<sup>5</sup> SOUZA (2007) - Comunidade de Jupiá em Três Lagoas / MS: estudo de caso com enfoque no turismo gastronômico como estratégia de desenvolvimento local.

Figura 1: Mapa de Três Lagoas localizado no Estado do Mato Grosso do Sul



### **2.1.2 <sup>6</sup> Três Lagoas, Cidade das Águas: aspectos históricos, turísticos, econômicos e sociais**

O turismo no Estado do Mato Grosso do Sul vem crescendo, tanto em âmbito econômico – com o crescimento de diversos setores que subsidiam a atividade – quanto em âmbito social e cultural – preservação, resgate da cultura e a troca de informação entre os povos.

Teixeira (2001) comenta que foi no século XIX que chegaram os primeiros posseiros de terras na região para a formação de fazendas de criação de gado. Na época o município Três Lagoas pertencia ao município de Santana do Paranaíba. Assim, a região foi rapidamente colonizada por sertanejos paulistas e mineiros. A construção de estrada de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, cujo início da construção datou de 15 de Novembro de 1905, também colaborou com a formação do núcleo urbano.

Segundo Cattânio (1976, p.11):

[...] o embrião da futura cidade começou a existir quando a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil iniciou as obras de construção da ferrovia na região. É certo que, nessa época, toda área já contava com populações dispersas nas fazendas, e que requeria certos serviços só possíveis de serem oferecidos por um núcleo de maior organicidade.

Os primeiros 92 Km de estrada de ferro foram entregues em setembro de 1906. De acordo com o Decreto de 24 de Março de 1908, a ferrovia passou a fazer a ligação entre os municípios de Itapura e Corumbá, cidade que surgia como importante porto fluvial e ponto estratégico na defesa nacional.

Os trabalhadores responsáveis pelas obras de alongamento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, atual Novoeste, acamparam na região próxima às lagoas e inúmeras moradias foram construídas à margem da Lagoa Maior, distante em média 15 km da margem direita do Rio Paraná. As primeiras casas de madeira começaram a surgir no mesmo ano (1909) às margens da Lagoa Maior recebendo o nome de “Formigueiro”, atualmente denominado de Bairro Santa Luzia, Município de Três Lagoas, MS.

---

<sup>6</sup> Três Lagoas passou a ser denominada Cidade das Águas a partir do ano 2000, como uma forma de qualificá-la considerando seu potencial turístico voltado à abundância de rios em seu entorno. Esse termo é muito usado pelo poder público municipal e vem sendo divulgado amplamente pelos meios de comunicação.

De acordo com Pelegrina (1993), durante a construção da ponte ferroviária Francisco de Sá sobre o Rio Paraná, comboios pernoitavam em Três Lagoas e cruzavam o rio com o dia claro. Esse fato e a facilidade de comunicação com a cidade de Itapura, SP, e com o ramal da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (N.O.B.) contribuíram para atrair novos moradores. Essa população requeria atendimento de alimentação e hospedagem, o que contribuiu para a criação do comércio hoteleiro, setor forte e importante para o setor da economia local.

Foi no ano de 1914 que a ferrovia completou o trecho que liga Bauru – Porto Esperança. Para os idealizadores a obra só seria considerada completa com a conclusão da construção da Ponte Francisco de Sá sobre o Rio Paraná, ocorrida em 12 de Outubro de 1926, fato que possibilitou o andamento normal das composições, lembrando que, anteriormente, a travessia do rio era feita através de balsas.

Figura 2: Ponte Ferroviária Francisco de Sá, inaugurada no ano de 1926, ligação dos Estado de São Paulo a Três Lagoas através da Novoeste do Brasil.



Fonte: <https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>

Cattânio (1976) destaca que durante os anos de 1940 a 1950 a cidade passou por um período de depressão, recuperando-se somente na década de 1960 quando recebeu novo impulso de progresso, com a construção da Usina Hidrelétrica Souza Dias (Jupiá) no Rio Paraná e do Complexo Hidrelétrico de Urubupungá no município de Ilha Solteira, SP. A Figura 2 apresenta uma vista geral da Hidrelétrica.

No final das obras as empreiteiras retiram-se do município e a cidade passou a viver um clima de estagnação (DIÁRIO MS, 2000).

Segundo Cattânio (1976) e Teixeira (2001), houve duas etapas distintas de ocupação no município de Três Lagoas, a primeira anterior à construção da Estrada de Ferro do Brasil (NOB), com uma população que morava nas fazendas e sítios, e a segunda com a construção da ponte e a barragem de Souza Dias.

No final da década de 1990, Três Lagoas, devido à sua privilegiada posição geográfica, tendo como importantes meios de transportes as ferrovias (Feronorte e Novoeste) e a hidrovía (Paraná – Tiete), e devido à política de incentivos fiscais, começou a atrair muitas indústrias, bem como a desenvolver o turismo rural, ecológico e esportes náuticos. Em paralelo, houve uma evolução no comércio e o setor primário de produção.

Figura 3: Localização da Usina Hidrelétrica JUPIÁ



Fonte: <https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>

No final de 1999, o processo de modernização se intensificou no município, principalmente com a construção do Gasoduto Bolívia – Brasil, e em 2001 foi implantada uma Termelétrica que processa o gás natural boliviano (DIÁRIO MS, 2006).

O processo de crescimento subsidia-se em consequência da localização estratégica do município de Três Lagoas, o qual possui acesso privilegiado às regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do País e à América do Sul. O município dispõe ainda de uma malha viária, fluvial e ferroviária, como mostra o mapa da Fig. 4.

Figura 4: Vias de transporte que atendem o município de Três Lagoas.



Fonte: [www.3lagoas.com.br/2012](http://www.3lagoas.com.br/2012)

Através de uma análise sobre os dados de evolução populacional do município de Três Lagoas é permitido concluir que o crescimento populacional do município, ao longo das décadas de 1940 e 1950, foi fortemente ligado à construção da Usina Hidrelétrica Souza Dias (Jupiá) e do Complexo Hidrelétrico de Urubupungá no município de Ilha Solteira, SP, no Rio Paraná e a vinda de pessoas para essas construções.

A partir de 1970 houve um processo migratório do campo para a cidade, este é um processo natural nas sociedades contemporâneas, primeiro do setor primário para o secundário da economia, depois deste para o setor terciário. Entretanto, o que chama atenção, no caso específico do município de Três Lagoas,

é a velocidade que este fenômeno atinge ao longo dos anos 1990 até o ano de 2005.

A alteração na estrutura de organização da sociedade local é de suma importância, a partir do momento em que se verifica um intenso processo migratório em função da implantação das indústrias no município, já que a industrialização pode ser considerada a terceira fase de crescimento vivido pelo município de Três Lagoas, ocasionando um aumento populacional. De acordo com a Prefeitura Municipal, Três Lagoas pode ser considerada uma das cidades mais industrializadas do Estado de Mato Grosso do Sul, com um Distrito Industrial que abriga dezenas de indústrias.

Segundo o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (2013), esse crescimento no setor industrial contribuiu para o crescimento no município devido às políticas fiscais e tributárias implantadas, e à organização dos instrumentos de arrecadação, fiscalização e a cobrança de ICMS. Na agricultura houve um aumento do volume transportado em consequência da execução de obras de infraestrutura e logística, melhoria das condições das estradas, recuperação do asfalto, construção da ponte sobre o Rio Paraguai, aliada às políticas fiscais e tributárias implementadas.

Porém, é importante destacar que o potencial no município de Três Lagoas não é privilégio apenas do setor industrial. De acordo com o Diário do Povo (2013), os recursos naturais têm favorecido a exploração do turismo como atividade geradora de emprego, renda e desenvolvimento. A Embratur (1999) também destaca que a atividade turística no município é predominantemente de negócios pela sua proximidade com os rios da região, com o Estado de São Paulo e com o complexo industrial.

Contudo, o que movimenta as atividades turísticas de Três Lagoas nos dias atuais é o turismo de negócios. Segundo o Diretor do Departamento Municipal de Turismo, o Sr Otony Avila Ornellas, o que gera a economia neste setor são as pessoas que vêm atender as indústrias que existem na cidade.

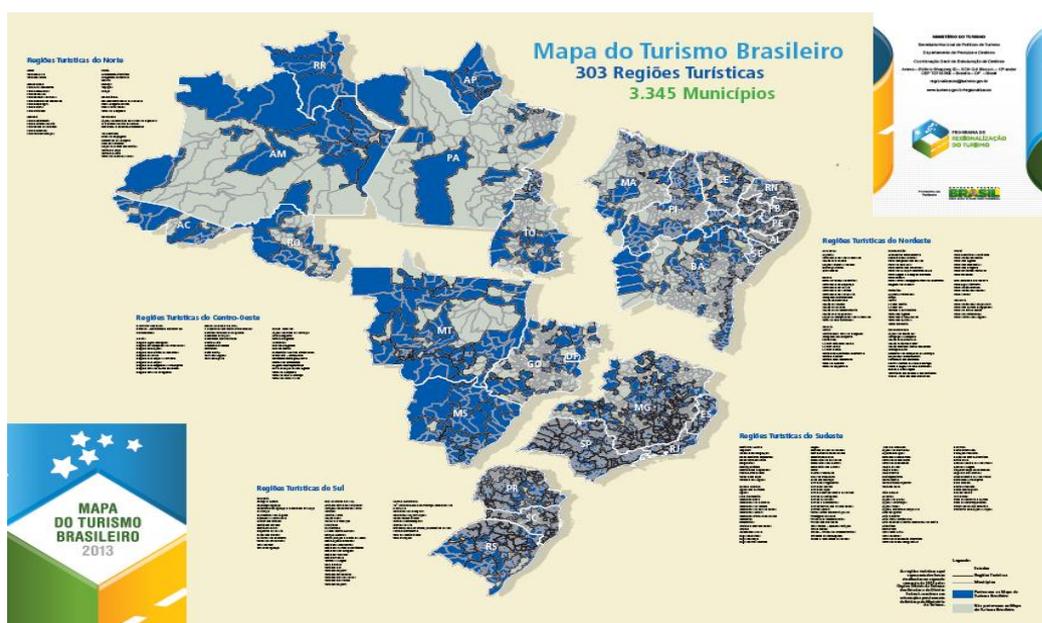
De acordo com o Diretor da Secretaria Municipal de Turismo, a transformação do município em um polo de turismo é um dos objetivos declarados da administração atual. Dentre as ações para atingir esse objetivo destacam-se o mapeamento das atrações naturais e culturais para a exploração turística dos recursos naturais, em especial os hídricos, além da preocupação em promover o

resgate cultural por meio do turismo rural e do turismo ecológico, da gastronomia, das festas tradicionais e do artesanato. Para alcançar estes objetivos, é realizado um trabalho regional para se tornarem mais competitivas no mercado nacional e internacional, através da rede de gestão compartilhada de suas potencialidades turísticas, proposta pelo Programa de Regionalização do Turismo (Roteiros do Brasil) que admite o seguinte:

O modelo de gestão adotado pelo Ministério do Turismo está voltado para o interior dos municípios do Brasil, para as suas riquezas ambientais, materiais e patrimoniais, e para as suas populações, em contraponto aos prejuízos impostos pela modernização. Esse propósito pode ser alcançado pela gestão compartilhada, pelo planejamento nacional construído a partir das especificidades locais com enfoque no desenvolvimento regional. Para tanto, devem ser criadas condições que propiciem a contribuição e a participação das várias esferas da sociedade, de modo a se chegar à oferta de produtos e serviços diversificados, qualificados e exigidos pelos mercados nacional e internacional (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2013).

Uma dessas regiões é a denominada Região Turística da Costa Leste de Mato Grosso do Sul, na qual se insere o Município de Três Lagoas, com o intuito de produzir e incentivar o turismo local, tendo assim o apoio dos agentes e instituições que estão apoiando o desenvolvimento desse projeto.

Figura 5: Mapa do Turismo Brasileiro – “Regionalização Turística”



Fonte: Ministério do Turismo (2013)

No processo de regionalização proposto pelo Plano de Desenvolvimento Turístico e Sustentável de Mato Grosso do Sul (PDTUR-MS), o elo entre os Municípios é estabelecido através da elaboração e fortalecimento de um roteiro turístico integrado, com o objetivo de fomentar e desenvolver a turística em âmbito regional. O referido programa propõe à conciliação do crescimento econômico com a preservação e conservação do patrimônio ambiental, histórico e cultural, assim como a participação e a gestão da comunidade no PDTUR.

A Região Turística denominada Costa Leste é composta pelas seguintes cidades: Água Clara, Anaurilândia, Aparecida do Taboado, Bataguassu, Brasilândia, Santa Rita do Pardo, Selvíria e Três Lagoas.

### 2.3 ETNOBOTÂNICA E SEU POTENCIAL “ECOTURÍSTICO”

Sabe-se que a atividade turística quase sempre oferece impactos negativos sobre o meio em que é desenvolvido. Isto geralmente ocorre devido ao fato dos valores naturais serem, muitas vezes, o recurso base do qual o turismo depende.

Já nas últimas décadas do século XX, quando se verificou maior demanda turística, trazendo assim diversas consequências ambientais, sociais e até mesmo econômicas, os impactos negativos trazidos pela atividade turística mal administrada começaram a se tornar preocupantes. E foi em consequência a estas preocupações ambientais que se delineou um novo modelo de desenvolvimento que permite conciliar as diversas lógicas econômico-sociais com os processos de sustentabilidade ecológica. Hoje o ecoturismo é visto como uma atividade que atrai cada vez mais adeptos em todo mundo, por ser uma atividade que proporciona longas caminhadas na natureza em áreas preservadas, a observação da fauna em seu habitat natural, navegar em rios, cavalgar e conhecer novas culturas e tradições. No cenário internacional, o Brasil disputa mercado com concorrentes de grande experiência como Costa Rica, México, Tanzânia, Tailândia, Austrália, entre outros.

O desenvolvimento do turismo sustentável atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro. É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma

que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida (Organização Mundial do Turismo-OMT, 2003: 24).

O ecoturismo é uma atividade importante para o desenvolvimento sustentável. De acordo com as “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo”, elaboradas pelo o Ministério do Meio Ambiente e a Embratur (1994), os objetivos do ecoturismo são:

- Proteger as paisagens naturais;
- Proteger as espécies ameaçadas de extinção;
- Proteger ecossistemas;
- Promover a conservação;
- Proteger a biodiversidade;
- Promover a educação ambiental;
- Recuperar ecossistemas em degradação;
- Valorizar a diversidade animal e vegetal;
- Estimular as pesquisas;
- Proteger os recursos edáficos e hídricos;
- Proteger os aspectos geológicos, arqueológicos, paleontológicos e culturais;
- Promover o desenvolvimento sustentável.

Visto como uma grande indústria mundial, hoje o turismo é considerado um setor estratégico para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável. Harmonizar esta atividade com o ambiente é visto como uma necessidade, já que sua sustentabilidade econômica se encontra frequentemente dependente da sua sustentabilidade social e ambiental.

A criação de atrativos turísticos etnobotânicos, embora implique um investimento inicial e uma manutenção constante, podem tornar-se um grande atrativo local quando bem localizados, cuidados e divulgados. É possível ver esse tipo de iniciativas em alguns países europeus, muitas vezes associados a áreas naturais.

### 3.0 METODOLOGIA

#### 3.1 DISCUSSÃO TEÓRICA METODOLÓGICA

Lima (1998) afirma que as experiências propiciam várias leituras de uma mesma realidade ambiental considerando a análise e a interpretação das diversas dimensões paisagísticas, com a identificação de níveis de percepção ambiental, tanto individuais quanto coletivos, a determinarem a gênese de imagens, representações, atitudes, atributos e valores relacionados à paisagem e aos seus lugares.

Os dados colhidos serão tanto qualitativos quanto quantitativos, para que assim seja possível o estudo etnobotânico na comunidade local e utilizar-se deles para a obtenção de resultados referentes à pesquisa realizada.

Segundo Richardson et al. (1999) apud Schmitt (2005), a pesquisa qualitativa é uma tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos sujeitos, em contraposição à produção de medidas qualitativas de características ou comportamentos. Em suma, o método qualitativo difere do quantitativo por não apresentar um instrumental estatístico como base do processo de análise do problema. Esse é o ponto de partida das observações do pesquisador em uma abordagem perceptiva no estudo da paisagem, uma vez que a forma mais adequada de tratar com significados atribuídos a ela é procurar descobrir a realidade investigada, tal como experienciada pelo sujeito; é procurar resgatar, de modo tão preciso quanto possível, o que ocorre com ele ao viver suas experiências; é buscar recompor a paisagem vivida ou conhecida conceitualmente com base na apreensão direta ou no aprendizado e na memória (MACHADO, 1999).

Já a pesquisa quantitativa consiste em colher dados e traduzir as opiniões em números e informações para classificá-las e analisá-las. Este método necessita de técnica e estatísticas.

Este trabalho aborda um tema que envolve diretamente a população e o comércio da comunidade local. Desta forma, sua elaboração será concentrada na pesquisa de campo, enquanto a pesquisa bibliográfica será realizada para consultas e referências.

A pesquisa baseia-se em dois pontos principais: coleta de informações sobre o uso da planta e o conhecimento tradicional e a coleta da planta. De acordo com Souza (1998), a pesquisa com plantas medicinais, na Etnobotânica, é um trabalho integrado com outras disciplinas, contempla a realidade do cotidiano das etnias e grupos sociais, procurando valorizar seus conhecimentos. Para a coleta dos dados acima citados, deve-se desenvolver uma metodologia que dependerá das circunstâncias e dos objetivos propostos na pesquisa.

Ming (1995) sugere um primeiro contato com o grupo a ser pesquisado, a fim de que se elabore uma metodologia mais adequada.

A integração com diversas disciplinas proporciona várias técnicas para a coleta de informações, dentre elas serão citadas as técnicas qualitativas e quantitativas. A análise qualitativa se preocupa em esclarecer como o homem compreende, interpreta e se relaciona com o mundo vegetal. Com a análise quantitativa, os estudos etnobotânicos podem comparar e avaliar o significado das plantas para determinados grupos, bem como fornece dados para a conservação dos recursos naturais. Cada abordagem, qualitativa ou quantitativa, tem suas vantagens e desvantagens, nenhuma é melhor ou mais correta que a outra. Cabe ao pesquisador buscar a integração entre ambas, obtendo melhores respostas às suas investigações.

Uma das formas mais básicas de obtenção de dados etnobotânicos, na técnica qualitativa, é a realização de entrevistas. Segundo De La Cruz Mota (1997), as entrevistas podem ser estruturadas e semiestruturadas, diferindo em grau (mais ou menos dirigidos). Albuquerque (2004) divide as entrevistas em estruturadas, não estruturadas, semiestruturadas e informais.

As entrevistas estruturadas consistem em levar o entrevistado a responder perguntas previamente elaboradas. Este tipo de abordagem limita as respostas do informante.

As entrevistas que discorrem de forma mais aberta, sem elaboração prévia, são as não estruturadas. Neste caso, o entrevistador guiará a entrevista de acordo com os interesses da pesquisa.

Nas entrevistas semiestruturadas as perguntas são parcialmente formuladas pelo pesquisador antes de ir ao campo, permitindo uma flexibilidade maior no aprofundamento dos dados que podem surgir durante a entrevista.

Para a abordagem informal é essencialmente que o pesquisador disponha de um diário de campo, registrando todos os eventos observados e ouvidos durante o processo, é um tipo de entrevista totalmente fora do controle do pesquisador.

Para as entrevistas do tipo semiestruturadas e estruturadas, podemos fazer uso de formulário, quando preenchido pelo entrevistado, ou de questionário quando preenchido pelo entrevistador. As questões formuladas podem ser abertas, permitindo maior liberdade ao entrevistado, ou fechadas, do tipo sim ou não ou de múltipla escolha.

Quanto mais detalhadas forem as informações, maiores são as chances de a pesquisa trazer subsídios de interesse para se avaliar a eficácia e a segurança do uso de plantas para fins terapêuticos.

Para que haja ordem no trabalho fez-se necessária a elaboração de fichas de campo. A primeira parte da ficha de campo contém os dados pessoais do informante, como: idade, sexo, tempo que reside no local, onde adquiriu conhecimento, tempo que trabalha com as plantas, grau de escolaridade, profissão. A segunda parte da ficha contém os dados referentes às plantas coletadas e os dados sobre a espécie vegetal. De uma forma geral, contém: nome popular da planta, local de coleta, data de coleta, hábito da planta (erva, arbusto, árvore, etc.). Também fazem parte do fichamento anotações sobre o uso local: qual a parte da planta a ser utilizada, para que serve a planta, modo de preparo, dosagem, entre outras informações referentes à utilização como planta medicinal.

Morais et al. (2003) fizeram um levantamento das pesquisas regionais com informações sobre plantas medicinais nos diferentes biomas. Foi um estudo temporário e analítico, que levou ao conhecimento das espécies que são utilizadas pela população de alguns estados e serve de base para traçar estratégias de conservação e manejo da biodiversidade local, além de proporcionar o desenvolvimento de políticas ambientais visando uma melhor qualidade de vida. Atualmente, com a busca cada vez maior pelos elementos naturais, os pesquisadores etnobotânicos preocupam-se com a necessidade do retorno das informações às comunidades usuárias e conhecedoras de plantas medicinais.

Para De La Cruz Mota (1997), a devolução elaborada dos dados oriundos da pesquisa etnobotânica às populações de origem pode contribuir para maior valorização do conhecimento tradicional local e também das espécies utilizadas e ou indicadas.

### **3.1.1 Procedimentos metodológicos**

A busca constante de novos medicamentos para a cura de inúmeras doenças que afetam a população tem sido realizada por diversas abordagens de estudo e pesquisas. Porém, para a obtenção de dados satisfatória o pesquisador deve conhecer a sociedade, ter em mente aspectos antropológicos, sociais, culturais e econômicos sobre o sentido social dos conhecimentos produzidos e as finalidades e perspectivas do fazer científico. Antes de o pesquisador introduzir-se no campo de pesquisa, deve procurar conhecer melhor a região em que vai trabalhar, seja através de material bibliográfico ou obtendo informações das proximidades da comunidade em estudo.

Para a coleta de informações várias técnicas são utilizadas, como: mapeamento dos locais de coleta de material botânico, entrevistas abertas e fechadas, estruturadas e semiestruturadas, observação participante, história de vida.

O material botânico deve ser coletado em número de três a quatro amostras, que, após preparação das exsicatas, devem ser depositadas em herbários. As exsicatas são instrumentos importantes para a identificação de plantas. Armazenadas em locais apropriados permitem a utilização por pesquisadores sem haver necessidade de se deslocar até o local de coleta. Podem ainda conter desenhos, mapas, fotografias e outras informações. Devem ter em primeiro plano as partes mais importantes da planta, por isto não devem ser deixadas flores e frutos encobertos pelas folhas.

O número de informantes vai depender do caráter da pesquisa. Se a pesquisa é de caráter qualitativo, este número é caracterizado pela importância do informante ou pelo número de vezes que a informação obtida aparece. Quando a pesquisa é de caráter quantitativo, vai depender de uma avaliação estatística para determinar qual é a amostra que representa a população em estudo.

Não é tarefa fácil estabelecer uma metodologia para um trabalho etnobotânico, pois devem ser analisadas as questões a quem se destina a pesquisa e a quem servem os conhecimentos produzidos. Sendo o interesse das partes envolvidas em comum e voltadas para a melhoria das condições de vida da população, com certeza os objetivos serão alcançados.

O estudo será desenvolvido através da percepção obtida em relação ao conhecimento que a população e o comércio da comunidade local do Município de Três Lagoas, MS, possuem sobre as plantas e como as utilizam.

Para operacionalizar a pesquisa inicialmente foi elaborada extensa revisão bibliográfica relevante ao assunto, confeccionando o mapa base da área de estudo e, posteriormente, foram elaboradas pesquisas orais dirigidas, aplicadas para os moradores de forma aleatória e para os comerciantes da comunidade local. Do questionário a ser aplicado, as questões mais relevantes são:

- Para que serve a planta;
- Modo de preparo;
- Dosagem;
- Com quem aprendeu a “receita”;
- Para quem ensinou a “receita”, entre outras questões.

Também, como procedimento importante para a realização da pesquisa, foram coletadas as plantas utilizadas pelos entrevistados com as seguintes anotações:

- Nome popular da planta;
- Local de coleta;
- Data de coleta;
- Qual a utilidade da planta na medicina natural, etc.

Segundo Rogers e Kinget (1977), a entrevista é um encontro interpessoal que se desenrola num contexto e numa situação social determinados, implicando a presença de um profissional e de um leigo. É uma conversa intencional, na qual se faz com o objetivo de colher informações. Uma entrevista pode ser não estruturada, semiestruturada ou estruturada. Na pesquisa realizada serão utilizadas todas as formas de entrevistas, para garantir que todos os tópicos de interesse sejam abordados.

Também foi importante conhecer a história do município, ressaltando de forma não abrangente o assunto sobre quando e como a atividade turística se iniciou, trazendo, assim, questões sobre o porquê do desenvolvimento da atividade no município. Para isso foram colhidos dados referentes à história do Município de Três Lagoas, MS, e o desenvolvimento do turismo local.

Para a interpretação, compreensão e análise dos dados colhidos, foram consultadas bibliografias referentes ao assunto em pauta, seguindo uma linha de raciocínio coerente, com o intuito de obter um resultado satisfatório.

### 3.2 OBJETIVO GERAL

Analisar e identificar as espécies que formam a Etnobotânica no Município de Três Lagoas/MS, que são comercializadas e usadas pela comunidade local, e avaliar se as mesmas contribuem e/ou podem contribuir para o aumento da potencialidade do turismo local.

### 3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer e analisar as plantas medicinais mais utilizadas pelos moradores do município de Três Lagoas/MS;
- Identificar as plantas medicinais comercializadas e usadas pela comunidade local;
- Avaliar a percepção, interpretação e valorização ambiental dos segmentos envolvidos na pesquisa;
- Abordar e analisar assuntos relacionados ao uso da Etnobotânica dentro do município estudado;
- Analisar a contribuição da Etnobotânica para o fomento do turismo local.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados se obteve através dos resultados obtidos decorrentes da pesquisa realizada no Município de Três Lagoas-MS, que se fez através de dados que foram coletados de forma qualitativa e quantitativa. As informações utilizadas para a análise qualitativa foram obtidas através das entrevistas, associadas à observação direta da comunidade e à bibliografia utilizada.

Os dados qualitativos foram codificados e sistematizados para possibilitar a discussão dos principais aspectos relacionados às interações da comunidade local com a vegetação local.

Begossi (1996) ressalta que a metodologia qualitativa e a metodologia quantitativa em Etnobotânica permitem avaliar paralelamente as semelhanças e diferenças do conhecimento etnobotânico entre comunidades distintas, ou entre grupos dentro de uma mesma comunidade.

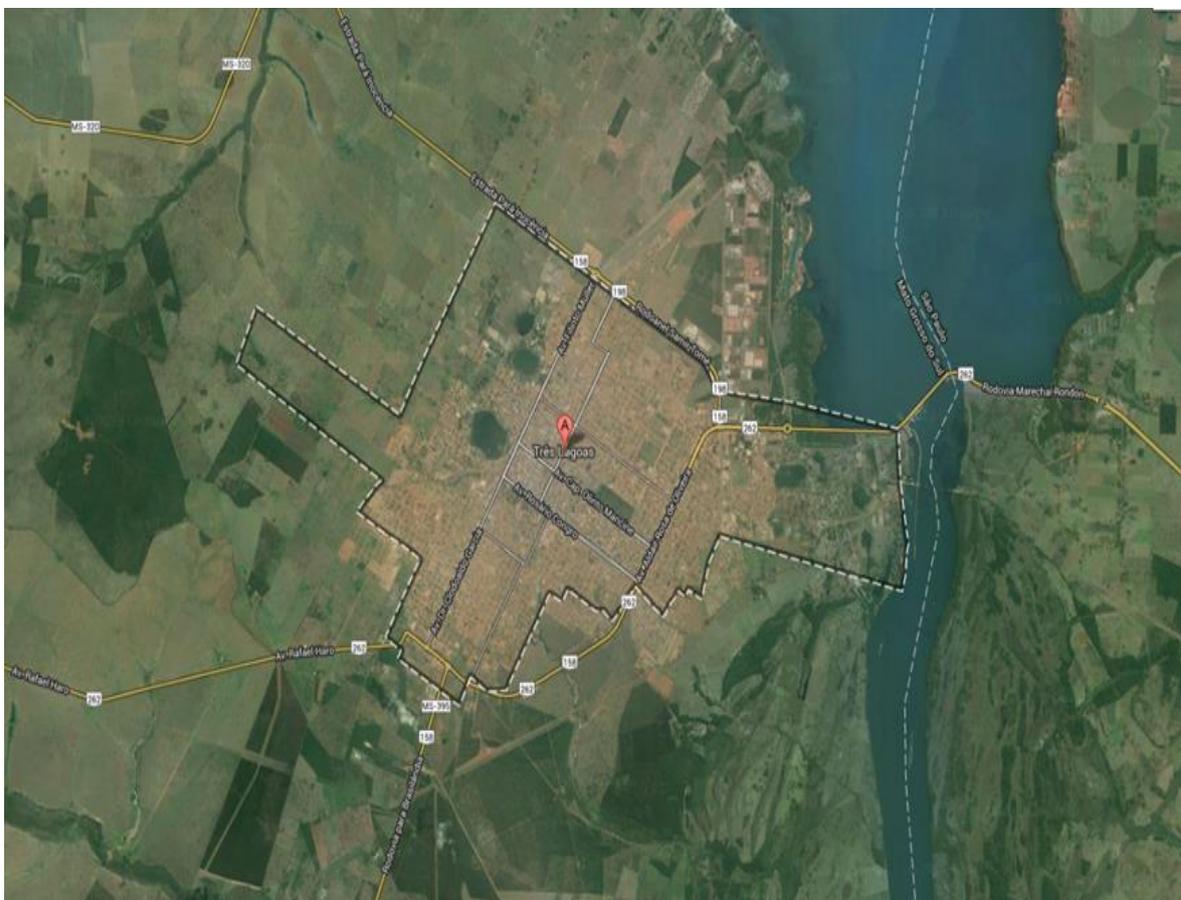
Para a análise da suficiência amostral cada informante foi considerado uma unidade amostral, sendo em seguida elaborado um inventário, para demonstrar de forma simples o acúmulo de espécies diferentes, coletadas à medida que se aumenta o esforço amostral (Peroni et al., 2008).

## 4 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA E ESTUDO

### 4.1 LOCALIZAÇÃO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS-MS

O Município de Três Lagoas-MS tem uma área territorial de 10.206 Km<sup>2</sup>, representando 2,85 % da área total do Estado de Mato Grosso do Sul e localiza-se a uma distância de 324 km da capital do Estado, Campo Grande. O Município de Três Lagoas está localizado a leste do Estado de Mato Grosso do Sul, às margens do rio Paraná, fazendo divisa a noroeste com o Estado de São Paulo (SOUSA, 2010).

Figura 6: Localização de Três Lagoas



Fonte: <https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>

Sobre a história de Três Lagoas-MS, Campos (2006) citado em Alcalde (2007, p. 65) explica que:

Em 1887 chegaram, na região, os primeiros colonizadores, Protázio Garcia Leal e Antônio Trajano dos Santos. O primeiro instalou-se na região a qual deu o nome de fazenda das Lagoas, em razão das bonitas lagoas que ali existiam [...] A facilidade de comunicação com o posto avançado de Itapura e com o ramal da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, contribuiu para fazer da região um ponto de atração. Em 1911, um grupo de engenheiros instalaram um acampamento à margem da lagoa maior, fato este que motivou a edificação de moradias, formando o povoado que mais tarde tornou-se o município de Três Lagoas-MS

Posteriormente, na década de 70, ocorreu uma grande valorização de suas terras, atraindo diversos pecuaristas, causando impacto ambiental no cerrado pelo desmatamento para criação de gado.

Segundo Kurtz (2000), impacto ambiental é quaisquer modificações, benéficas ou não, resultantes das atividades, produtos ou serviços de uma operação de manejo florestal da unidade de manejo florestal.

Moreira (2003, p. 239) afirmou que “ao longo de sua história, Três Lagoas nunca estagnou no seu progresso. Com a perseverança, os seus homens e mulheres, do campo e da cidade, construíram, nela investiram sua economia, nela confiaram”.

A partir de 1997, sob a gestão do então prefeito Issan Fares, o município solidificou-se como industrial, mudando a base econômica de pecuária de corte do tipo extensiva para a industrialização (OLIVEIRA, 2008).

Além dos incentivos fiscais para as indústrias, existentes no Estado de Mato Grosso do Sul, o município também criou Leis municipais, para atrair empresários, como a Lei nº 1429/97 de 24 de Dezembro de 1997 garantindo a isenção do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), Taxas e Emolumentos referentes ao empreendimento pelo prazo de cinco anos. Permite também a cessão em comodato de área no Distrito Industrial, conforme necessidade da Empresa, com posterior escrituração quando no término do projeto proposto. (OLIVEIRA, 2008).

Desenvolvimento só pode ser considerado como tal se for humano, social e sustentável. Portanto, o desenvolvimento local é o fenômeno pelo qual se tornam dinâmicas, potencialidades locais por meio de interação dos fatores sociais, econômicos, físicos e ambientais (FRANCO, 2002, p. 123-158).

A cidade de Três Lagoas possui uma população de 101.791 habitantes, distribuídos em 9,97 hab/Km<sup>2</sup>, sendo a quarta cidade mais populosa de Mato Grosso do Sul, além de ser o 271º maior município brasileiro e o 138º maior município interiorano do Brasil (IBGE, 2012).

Situada em um entroncamento das malhas viária, fluvial e ferroviária, possui acesso privilegiado às regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país e a países da América do Sul. Tem disponível energia, água, matéria-prima e mão-de-obra para atender a demanda da atividade industrialização. Com destaque, apresenta grande potencial turístico de negócios e de lazer (IBGE, 2012).

Para chegar pessoas e cargas - matéria prima, insumos e produtos - ao Município é possível usar importantes rodovias como a SP-300, BR-262, BR-158 e MS-295, entre outras, a ferrovia e a hidrovia Tietê/Paraná (principal via de navegação situada entre as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil), a infraestrutura intermodal é responsável pelo transporte de matéria prima, insumos e produções até aos principais polos de comercialização do país (FERNANDES; HUMBERTO, 2012).

#### **4.1.1 Clima**

<sup>7</sup>O município de Três Lagoas pertence à zona climática designada pela letra A, sendo seu tipo climático o Aw, de acordo com a classificação de Köppen. O tipo Aw caracteriza-se como clima tropical quente e úmido. A temperatura média local é de 26°C. Possui estação chuvosa no verão e seca no inverno. O total anual das precipitações em áreas de influência direta do tipo Aw está compreendido entre 900 mm e 1.400 mm.

Devido à sua posição, no entanto, Três Lagoas, com as massas de ar vindas do sul, do leste e do oeste que se encontram sobre seu território, possui peculiaridades quanto ao seu clima, que é diferente do centro de Mato Grosso do Sul e do oeste paulista. No inverno, geralmente não há chuvas durante três meses, do início de junho ao fim de agosto e, às vezes, até meados de setembro. Entre julho e setembro, há um déficit hídrico anual pouco superior a 30 mm, mas a água permanece no solo durante a maior parte da estiagem. Essa estação também

---

<sup>7</sup> IBGE (2013)

encontra-se cada vez mais quente, e raramente encontram-se as geadas que costumavam ser comuns até a década de 1980. Anteriormente, durante o inverno, a temperatura treslagoense aproximava-se de zero, algumas vezes chegando a negativa.

O trimestre de maior precipitação reflete o verão austral (novembro, dezembro e janeiro), dezembro sendo o mês de maior precipitação, com tempestades de verão vindas do sul. A chuva, na maioria das vezes, acontece nos fins das tardes, limpando-se o céu ainda antes do anoitecer. Assim como os invernos, os verões apresentam-se cada vez mais quentes. O regime chuvoso, no entanto, ainda não se modificou visivelmente. A média pluviométrica é de 100 mm mensais entre outubro a março. Já em março, a precipitação pluviométrica começa a diminuir.

#### **4.1.2 Geologia**

<sup>8</sup>O município está inserido em litologias dos Grupos São Bento e Bauru, da Bacia do Paraná, e de coberturas cenozóicas. As coberturas cenozóicas detrítico-lateríticas compõem-se de dois tipos: coberturas detrítico-lateríticas terciárias e quaternárias e aluviões recentes.

O solo é composto, principalmente, dos tipos latossolo vermelho escuro e podzólico vermelho escuro, com pH entre 4,3 e 6,2. Tratam-se de solos minerais, não hidromórficos, altamente intemperizados, apresentando horizonte B latossólico e podendo ser profundos ou muito profundos, bem drenados ou acentuadamente drenados, friáveis e muito porosos. Os outros tipos de solo que podem ser encontrados em Três Lagoas são latossolo roxo distrófico (em regiões cobertas por faixas de Mata Atlântica), podzólico vermelho-amarelo, planossolo álico, glei pouco húmico distrófico, areias quartzosas álicas e solos litólicos distróficos.

No perímetro urbano, o solo altamente poroso é um empecilho às grandes construções, pois não oferece sustentação suficiente a pesadas estruturas. Este é um dos motivos para os poucos prédios que se encontram na cidade.

---

<sup>8</sup> IBGE (2013)

### 4.1.3 Hidrografia

<sup>9</sup>A hidrografia da região é rica. Além dos já citados rios e lagoas, podem-se encontrar vários córregos e riachos. Os rios subterrâneos da região são facilmente achados, às vezes somente a 20 m da superfície, às vezes 100 m.

Três Lagoas localiza-se na Bacia Hidrográfica do Rio Paraná, que possui 700.000 km<sup>2</sup> e trata-se da quinta maior bacia hidrográfica do mundo. Possui, ainda, duas sub-bacias importantes: a do Rio Verde e a do Rio Sucuriú. A rede hidrográfica treslagoense compõem-se dos rios Paraná, Pombo, Sucuriú e Verde; além dos ribeirões Baguaçú, Bonito, Brioso, Campo Triste, Imbaúba, Palmito, Piaba, Prata e Beltrão; e dos córregos Azul, Boa Vista, Cervo, Estiva, Jacaré, Lajeado, Moeda, Pontal, Porto, Pratinha, Taboca e Urutu.

O município também se situa sobre o maior lago subterrâneo do planeta, o Sistema Aqüífero Guarani. Assim como com os rios subterrâneos, a água do sistema Aqüífero Guarani facilmente vêm à tona em escavação. É do aquífero a água do Ribeirão Palmito, naturalmente muito quente, mas não muito apropriada para consumo, devido ao seu gosto.

A água potável de Três Lagoas, retirada de rios subterrâneos, é considerada a melhor de todo o Brasil. Por isso e pela quantidade de recursos hídricos ao seu dispor, a cidade tem o apelido de Cidade das Águas.

### 4.1.4 Cobertura vegetal

<sup>10</sup>Três Lagoas possui um conjunto fitogeográfico uniforme, uma vez que apresentam-se em sua paisagem campos limpos, e florestas perenifólias, subperenifólias e mesofólias. A vegetação predominante é o Cerrado (gramíneo-lenhosa, arbórea densa e arbórea aberta). Há também faixas de Mata Atlântica, que se alternam perpendicularmente às margens do Rio Paraná com a vegetação do Cerrado, até que estas listras de floresta se afinam e desaparecem conforme se distanciam do rio.

---

<sup>9</sup> IBGE (2013)

<sup>10</sup> IBGE (2013)

#### **4.1.5 Atividades socioeconômicas**

De acordo com o SEBRAE (2012), a cidade de Três Lagoas atraiu nos últimos anos investimentos bilionários nas indústrias de celulose, petróleo, gás e energia, têxtil, metalúrgico, entre outros. A cidade recebeu mais de quarenta indústrias, com investimentos de R\$ 14,5 bilhões. Até 2015 a previsão é de mais de R\$ 9,5 bilhões em novas fábricas.

Dados da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado do Mato Grosso do Sul apontam que os investimentos em Três Lagoas foram responsáveis por um aumento de 0,20% no Produto Interno Bruto – PIB do País e de 13% no PIB estadual. E elevaram em R\$ 400 milhões a arrecadação anual do Estado.

Como grande parte da produção industrial vai para o exterior, a cidade se tornou um dos maiores exportadores do País, superando capitais como: Belo Horizonte, Campo Grande, Cuiabá, Salvador, Belém, Fortaleza, Porto Velho, Teresina, Goiânia, Recife e Florianópolis.

No último levantamento realizado pela Florenzano Agência de Estudos e Pesquisas de Mercado, Três Lagoas foi destacada com o 25º lugar no ranking das trezentas cidades mais dinâmicas do País. O município foi classificado como o primeiro do Estado e o segundo do Centro-Oeste. Para a elaboração do ranking foram avaliados indicadores como o Índice Potencial de Consumo (IPC), evolução do PIB, economia municipal, operações bancárias e geração de novos negócios.

Investimentos municipais em saúde, educação, saneamento básico e promoção social também representam peso determinante na pesquisa.

Além da política fiscal, a oferta de energia e a estrutura logística influenciam a atração dos investimentos. A região conta com a Usina Hidrelétrica Engenheiro Souza Dias, também chamada de Usina Hidrelétrica de Jupιά, a Usina Termelétrica Luís Carlos Prestes (UTE-LCP) e o gasoduto Brasil-Bolívia que disponibilizam energia para as empresas. A região apresenta também boas estradas e uma extensa malha ferroviária e hidroviária.

Para receber os investimentos, o Estado do Mato Grosso do Sul concede aos investidores descontos de até 90% do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) por até 15 anos, enquanto o município doa a área e isenta o Imposto sobre Serviços (ISS) durante a fase de construção.

O município também isenta o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) por cinco anos, porém obriga as empresas a manter dois terços da sua mão de obra de trabalhadores locais. No caso da Eldorado, embora a empresa não vá se beneficiar do ICMS, uma vez que toda a produção será exportada e do IPTU já que está instalada na zona rural, a isenção do Imposto sobre Serviços foi decisiva, já que a isenção abrange toda a cadeia de fornecedores, reduzindo os custos do empreendimento.

#### 4.2 METODOLOGIA DE PESQUISA ETNOBOTÂNICA

O uso das plantas para fins terapêuticos está inserido em um contexto social e ecológico que vai, de muitas formas, moldá-lo, de modo que várias das peculiaridades deste emprego não podem ser entendidas se não se levar em consideração fatores culturais envolvidos, além do ambiente físico onde ele ocorre (AMOROZO, 1996).

O conhecimento tradicional é um sistema integrado de crenças e práticas características de grupos culturais diferentes, e os povos tradicionais, geralmente, afirmam que a “natureza” para eles não é somente um inventário de recursos naturais, mas representa também as forças espirituais e cósmicas que fazem da vida o que ela é (POSEY, 1992).

A metodologia de pesquisa em Etnobotânica abrange técnicas de diferentes áreas de conhecimento, procurando definir recortes interdisciplinares que possibilitem cercar a questão em foco da forma mais completa possível (Amorozo et al., 2002).

Discussões sobre os aspectos metodológicos da coleta de dados em pesquisas etnobotânicas provenientes da Antropologia alertam para os cuidados necessários ao pesquisador que empreende uma jornada aos conhecimentos de outra cultura sobre assuntos em comum (Viertler, 2002), como o conhecimento e utilização de plantas. Para que a bagagem cultural do pesquisador não venha a criar barreiras tanto na postura em relação ao entrevistado durante a entrevista, quanto na posterior análise dos dados obtidos, faz-se necessária a utilização de técnicas específicas de coleta de dados culturais (Alexiades, 1996).

A participação dos entrevistados nesta pesquisa foi condicionada à aceitação dos mesmos, após a apresentação do projeto e de seus objetivos. Para

assegurar o esclarecimento sobre a participação livre e voluntária, foi solicitada ao entrevistado a assinatura do termo de anuência prévia (anexo 1), onde está enfatizado que a participação dos mesmos é condicionada à disponibilidade e desejo por parte deles, os quais podem a qualquer momento desistir da pesquisa sem qualquer prejuízo. A seleção de informantes é um aspecto primordial da pesquisa etnobotânica e a metodologia utilizada para a escolha dos mesmos depende da pergunta que se pretende investigar (Alexiades, 1996; Tongco, 2007; Albuquerque et al., 2008).

#### **4.2.1 Escolha dos informantes**

Para Amorozo (1996), pode-se constituir em informante qualquer membro de uma sociedade que possua “competência cultural”, ou seja, que detenha conhecimentos suficientes sobre sua cultura, para poder atuar de forma satisfatória em suas expressões habituais. Em suma, qualquer membro adulto pode ser um informante. Mas, é importante ressaltar que o acervo de conhecimento sobre o uso de plantas medicinais não é igualmente distribuído na população, geralmente com o avanço da idade o acúmulo de conhecimentos é bem maior.

Existem também aqueles indivíduos que possuem maior poder intelectual e adquirem com isso maiores conhecimentos, encontram-se ainda aqueles interessados naturalmente, e aqueles que detêm o conhecimento que somente os especialistas, como, parteiras, curandeiros e rezadores possuem.

Seguindo o que sugere Amorozo (1996), como o objetivo geral deste trabalho foi resgatar e documentar os conhecimentos tradicionais relativos ao uso das plantas medicinais pela comunidade local, uma pesquisa voltada para o conhecimento detido pela população em geral, ou conhecimento que a pessoa comum possui, optou-se por uma amostra aleatória.

A coleta de informações foi realizada diretamente com os informantes em seu domicílio, onde foram explicados e apresentados os objetivos do trabalho. Para a anuência desses, contou-se com a sua disponibilidade, interesse e boa vontade de cada informante, o que demandou tempo, porém, também, trouxe satisfação, pois a partir deste momento criou-se um ambiente de amizade, onde as conversas fluíram de maneira confiável, e assim, os dados colhidos foram mais concretos.

Vale ressaltar que a receptividade foi cordial por parte de todos os moradores abordados em seus domicílios e mesmo para conversas informais nas ruas, demonstrando uma educação secular.

O “universo” da pesquisa foram os moradores do município de Três Lagoas, MS, sendo a “população-alvo” aquela que se encontrava envolvida no local de forma direta e representantes do comércio local. A “população amostrada” foi constituída por centenas desses atores, que foram selecionados de forma aleatória, pois, como cita Minayo (1992), a amostragem boa é aquela que possibilita a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.

#### **4.2.2. Coleta de dados**

O trabalho de campo para coleta dos dados foi realizado entre os meses de agosto e novembro de 2013.

Os procedimentos metodológicos para levantamento de dados etnobotânicos adotados foram determinados pelo caráter da pesquisa ser tanto quantitativa como qualitativa, possibilitando assim estudar as características desses núcleos populacionais e os fenômenos ora ocorrentes, e suas interpelações com o meio em que vivem, usando, como sugere Gil (1994), Minayo (1992, 1994), Cardoso (1986), Chizzotti (1991), Cicourel (1980) e Amorozo (1996), as técnicas da observação participante, entrevistas informais e entrevistas semiestruturadas com formulários previamente elaborados que, além de dar informações a respeito das plantas medicinais utilizadas pela comunidade e seus usos, ressaltam o aspecto econômico e a organização social em que se insere o informante, além de ajudar a criar uma situação de diálogo entre o polo pesquisado e o polo pesquisador.

#### **4.2.3. Organização e análise dos dados**

Os dados coletados no campo referentes aos informantes foram organizados em tabela, onde consta: sexo, idade, escolaridade, número de residentes de cada domicílio visitado, estado civil, condição na unidade domiciliar, há quanto tempo reside no local, informações referentes à obtenção e transmissão do conhecimento etnobotânico. Com relação aos domicílios, os dados foram

organizados e descritos com referência ao aspecto físico da residência, origem da água utilizada, e forma de iluminação.

Com relação aos dados etnobotânicos, há informações referente ao uso de plantas medicinais, de onde vem o conhecimento referente ao uso, e a relação das plantas utilizadas por cada família com suas devidas informações de uso, coleta, disponibilidade e formas de preparo.

Em relação às plantas, organizou-se uma tabela contendo as informações botânicas e ecológicas, com nome vernacular, nome científico, forma de utilização, ação terapêutica e referência bibliográfica.

Foram utilizados gráficos para amostragem percentual dos números de informantes divididos por faixa etária, gênero, nível de escolaridade, sendo que também foi observado e relatado o uso etnobotânico das plantas coletadas e a porcentagem referente às suas partes utilizadas.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 ENTREVISTAS E COLETAS REALIZADAS

Foram realizadas 130 entrevistas, todas no Município de Três Lagoas, MS, distribuídas em áreas, conforme mostram as figuras 5, 6, 7, 8 e 9. As casas foram escolhidas aleatoriamente, sendo entrevistado apenas um morador de cada domicílio, durante o período de setembro de 2023 a janeiro de 2014. Todas as unidades foram visitadas uma única vez, sendo sempre realizadas as devidas apresentações, com exposição dos objetivos do trabalho e solicitando a anuência para as entrevistas. Foi aplicada em cada domicílio uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de coletar dados socioeconômicos e informações Etnobotânicas. Após as entrevistas, com a permissão do morador, foram coletadas amostras Etnobotânicas para o reconhecimento científico da planta.

A entrevista foi feita de maneira informal, em que todos os informantes responderam as mesmas perguntas, sendo as observações anotadas. Durante as entrevistas, foram também fotografadas as plantas medicinais.

As entrevistas estruturadas são propostas como forma de coleta de dados que consiste em levar o entrevistado a responder perguntas previamente estabelecidas, independentemente de ter havido contato anterior com a população a ser estudada. Isto exige do pesquisador total domínio das questões mais relevantes a serem exploradas (ALBUQUERQUE et al, 2004, p. 79). Dos 130 questionários aplicados, 10 dos entrevistados optaram por não responder.

As áreas em que se concentrara maior número de informantes situam-se nos bairros Vila Pitloto, Jardim Bela Vista, Alto da Boa Vista, Vila Haro e Jardim Dourado, conforme segue o mapa abaixo.

Para a realização dos mapas de localização, da cidade e dos pontos de coleta da cidade de Três Lagoas-MS, foi utilizada imagem de satélite de recursos naturais Landsat 8, órbita ponto 223/74, projeção UTM, zona 22, datum SIRGAS 2000, com passagem em 24 de março de 2014. Foi realizada composição colorida com as bandas 4,3,2, no software ArcGIS. As áreas que representam cada bairro foram espacializadas por imagens de alta resolução disponibilizadas através do programa Google Earth, as quais foram escaneadas por meio do software StitchMaps 2.4.



As espécies encontradas foram identificadas em termos taxonômicos através de levantamentos e comparações realizados por meio de literaturas científicas, assim como as indicações terapêuticas (forma, indicação e dosagem).

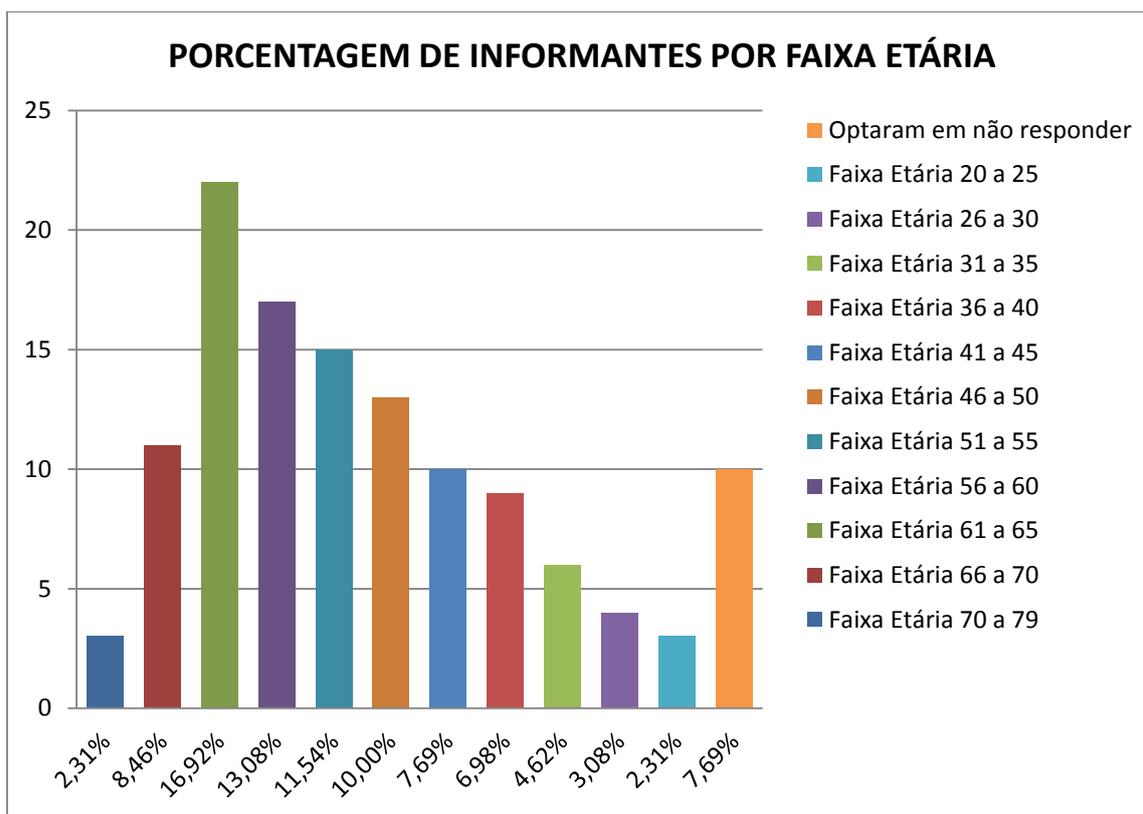
As informações obtidas, bem como a identificação, foram tabuladas para uma comparação do conhecimento destas plantas.

## 5.2 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

A faixa etária dos informantes está compreendida em uma amostragem ampla e variada, indo de 20 a 79 anos, sendo que estes extremos são representados por pessoas do sexo masculino, enquanto as pessoas do sexo feminino atingiram um intervalo de 21 a 75 anos.

Após a aplicação dos questionários, foi observado que a faixa etária mais frequente é 31 a 35 anos, com 22 informantes, seguidas pelas faixas etárias de 36 a 40 anos, com 17 informantes, e de 41 a 45 anos, com 15 informantes. Já a faixa etária de 46 a 50 corresponde a 13 entrevistados, sendo que de 26 a 30 corresponde a 11 informantes. Em sequência vem a faixa etária de 51 a 55 anos com 10 informantes e a faixa etária de 56 a 60 contendo 9 informantes. Os grupos com a maior faixa etária foram de 56 a 60 representada por 7 dos informantes, de 61 a 65 com 6 dos informantes. Em seguida a faixa etária de 66 a 70 foi representada por 4 informantes, e a faixa etária de 71 a 79, por 3 informantes. A faixa de idade mais jovem de 20 a 25 anos veio logo a seguir, representada com apenas 3 informantes, conforme pode ser observado no gráfico abaixo.

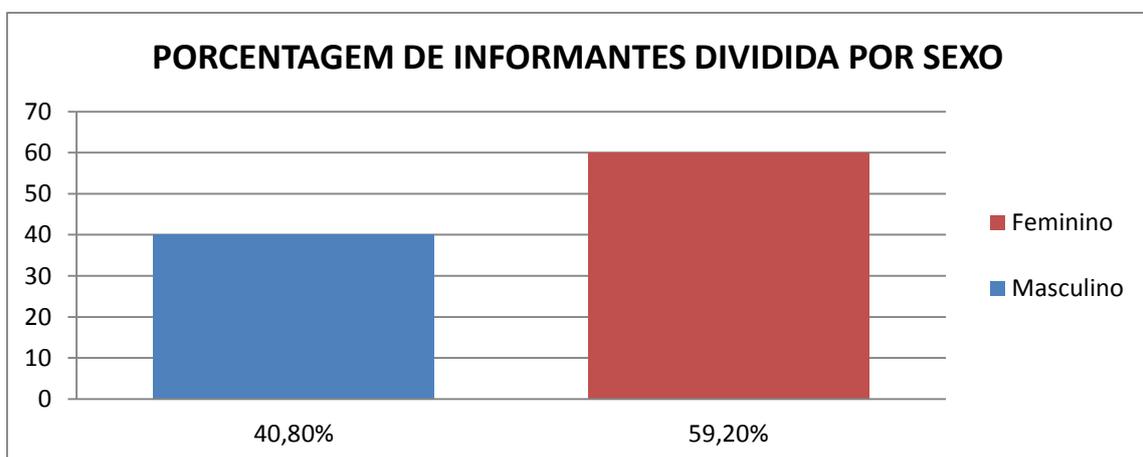
Gráfico 1: Porcentagem de informantes por faixa etária:



A escolha dos informantes seguiu de forma aleatória, pois o objetivo deste trabalho é resgatar e documentar os conhecimentos tradicionais relativos ao uso das plantas medicinais pela comunidade como um todo, como também realizar um levantamento das espécies Etnobotânicas existentes no município.

O universo amostrado teve como informantes tanto pessoas do sexo masculino, quanto do feminino, conforme o gráfico 2.

Gráfico 2: Porcentagem de informantes dividida por sexo:

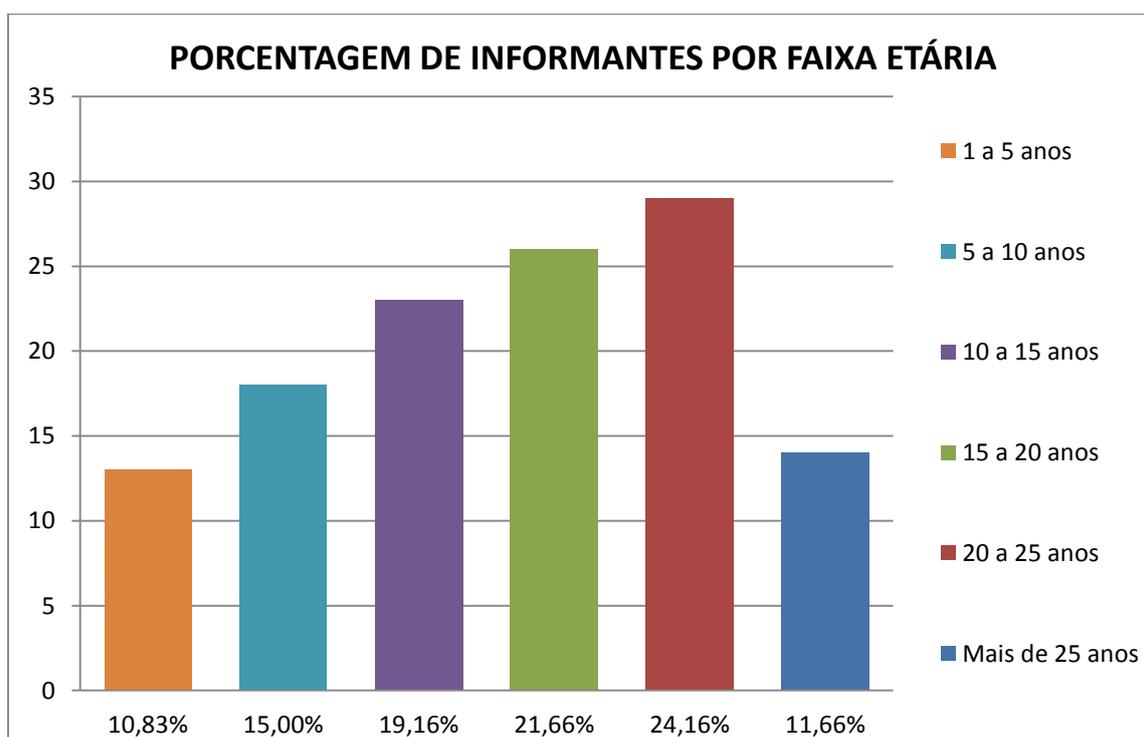


Já em relação ao nível escolar dos informantes, foi observado durante as entrevistas que os informantes mais velhos possuem escolaridade de nível fundamental ao médio, enquanto os informantes mais jovens possuem escolaridade de nível médio ao superior.

Sobre a estrutura domiciliar dos informantes, observou-se durante as entrevistas que todas as residências possuem água encanada e luz elétrica. Em relação ao tipo de piso utilizado nas residências, na maioria das casas é utilizada cerâmica, porém, em algumas residências também foi observada a utilização do contrapiso (piso feito de concreto).

Através da entrevista, foi observado que os informantes que vivem em Três Lagoas, MS há mais tempo (moradores mais antigos) têm maior conhecimento sobre plantas medicinais utilizadas na cidade e na região, enquanto aqueles moradores que moram no município há menos tempo têm pouco, e em alguns casos nenhum conhecimento sobre plantas medicinais utilizadas na cidade e na região. Na maioria dos casos, os informantes que residem no município há pouco tempo são migrantes atraídos pelas ofertas de trabalho no polo industrial. Assim, a distribuição dos informantes por tempo de residência em Três Lagoas pode ser observada abaixo no gráfico 3.

Gráfico 3: Distribuição de informantes por faixa etária



No comércio, verificou-se que atualmente não há comerciantes que trabalham de forma direta com a venda de plantas Etnobotânicas, com exceção a um feirante que monta barraca na feira local uma vez por semana. Sendo assim, não há caracterização de informantes referente ao comércio local.

## 5.2 ESPÉCIES ENCONTRADAS NAS RESIDÊNCIAS LOCAIS

As plantas foram encontradas nos quintais, jardins e plantadas em canteiros ou latas, sendo a maioria cultivada. É interessante ressaltar a simplicidade de e cultivo da flora caseira.

Muitas espécies são valorizadas devido à sua importância no tratamento de algumas doenças. Houve dificuldade para os informantes entender o significado de “plantas medicinais”, e foi necessário utilizar os termos: “planta que faz chá”, “alguma erva, como erva cidreira” e, algumas vezes até citar mais exemplos. Em suma, as espécies encontradas e identificadas nos quintais das residências dos informantes entrevistados seguem em anexo na tabela 1:

Tabela 1: Identificação das plantas medicinais domiciliares em Três Lagoas, MS

| Nome popular | Espécie                         | Família       | Parte utilizada | Forma de utilização         | Indicação medicinal             | Fonte bibliográfica    |
|--------------|---------------------------------|---------------|-----------------|-----------------------------|---------------------------------|------------------------|
| Abacateiro   | <i>Persea americana</i> Mill.   | Lauraceae     | Folha           | Chá (infusão)               | Diurético                       | LORENZI & MATOS (2008) |
| Abóbora      | <i>Cucurbita pepo</i> L.        | Cucurbitaceae | Semente         | Torrada (no forno)          | Vermífugas                      | LORENZI & MATOS (2008) |
| Açafrão      | <i>Curcuma longa</i> L.         | Iridaceae     | Raiz            | Chá                         | Hipertensão                     | LORENZI & MATOS (2008) |
| Acerola      | <i>Malpighia emarginata</i> DC. | Malpighiaceae | Frutos          | Ao natural ou forma de suco | Fonte excepcional de vitamina C | LORENZI & MATOS (2008) |

|                          |   |                                  |                          |   |                                     |                          |
|--------------------------|---|----------------------------------|--------------------------|---|-------------------------------------|--------------------------|
| Alecrim                  | <b><i>Rosmarinus officinalis</i> L.</b>   | Lamiaceae                        | Folhas                   | Chá (infusão)                                 | Digestivo                           | LORENZI & MATOS (2008)   |
| Alfavaca                 | <b><i>Ocimum basilicum</i> L.</b>   | Lamiaceae                        | Folha                    | Chá (infusão)                                 | Digestivo, antibacteriano           | LORENZI & MATOS (2008)   |
| Alfazema                 | <b><i>Ertela trifolia</i> (L.) Kuntze</b><br>A FOTO 6 é de <b><i>Aloysia virgata</i></b> ,<br>Verbenaceae | Rutaceae                         | Folhas                   | Chá (infusão)                                 | Calmante                            | LORENZI & MATOS (2008)   |
| Angico                   | <b><i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan</b>  | Fabaceae                         | Casca e caule            | Decocto                                       | Tosse, bronquite                    | LORENZI & MATOS (2008)   |
| Amora                    | <b><i>Morus nigra</i> L.</b>  | Moraceae                         | Folhas                   | Infusão                                       | Controle hormonal                   | ALBUQUERQUE et al., 2005 |
| Araticum                 | <b><i>Annona coriacea</i> Mart.</b>   | Annonaceae                       | Fruta                    | <i>In natura</i>                              | Estomatite                          | LORENZI & MATOS (2008)   |
| Araticunzinho-do-cerrado | <b><i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.</b>  | Malvaceae (Antiga Sterculiaceae) | Folha                    | Chá (infusão)                                 | Disenteria e diarreia               | LORENZI & MATOS (2008)   |
| Aroeira                  | <b><i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão</b>  | Anacardiaceae                    | Cascas – folhas e frutos | Decocto – adicionados a água <i>in natura</i> | Anti-inflamatório; cicatrizante     | LORENZI & MATOS (2008)   |
| Arnica                   | <b><i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.</b>  | Asteraceae (Compositae)          | Folhas e rizomas         | Maceração                                     | Cicatrizante                        | LORENZI & MATOS (2008)   |
| Arruda                   | <b><i>Ruta graveolens</i> L.</b>  | Rutaceae                         | Raízes e folhas abortiva | Chá   | Dores; anti-inflamatório; verminose | LORENZI & MATOS (2008)   |
| Assa-peixe               | <b><i>Vernonia polyanthes</i> Less.</b>   | Asteraceae (Compositae)          | Folhas                   | <i>In natura</i>                              | Bronquite; afecções da pele         | LORENZI & MATOS (2008)   |

|                    |   |   |   |                          |  |                                |
|--------------------|---|---|---|--------------------------|--|--------------------------------|
| Avenca             | <i>Ruta graveolens</i> L.                                   | Rutaceae                                | Folhas  | Infusão                  | Enxaqueca                                    | ALBUQUERQUE et al, 2005        |
| Babosa             | <i>Aloe vera</i> (L.) Brum. f.                              | Asphodelaceae (Anteriormente Liliaceae) | Folha   | <i>In natura</i>         | Cicatrizante, uso cosmético.                 | LORENZI & MATOS (2008)         |
| Bananeira          | <i>Musa sp.</i>   | Musaceae                                | Fruta   | <i>In natura</i>         | Cãibras, fadiga                              | CORRÊA (1984)                  |
| Beijinho           | <i>Mirabilis jalapa</i> L.                                  | Nyctaginaceae                           | Raiz  | <i>In natura</i> (moída) | Antimicrobica, antibacteriana                | LORENZI & MATOS (2008)         |
| Boldo              | <i>Plectranthus barbatus</i>                                | Lamiaceae                               | Folha   | Chá ( <i>in natura</i> ) | Digestivo                                    | LORENZI & MATOS (2008)         |
| Caju               | <i>Anacardium occidentale</i> L.                            | Anacardiaceae                           | Entrecasca goma e o lcc (liquido da castanha do caju) | Cocção                   | Antidiabética, adstringente e antidiarreica. | LORENZI & MATOS (2008)         |
| Caferana           | <i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex Walp. | Asteraceae                              | Folhas  | Chá                      | Digestivo                                    | MATOS (2000)                   |
| Colônia            | <i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm.      | Zingiberaceae                           | Folhas; flores; raizes                                | Chá                      | Hipertensão                                  | LORENZI & MATOS (2008)         |
| Confrei            | <i>Symphytum officinale</i> L.                              | Boraginaceae                            | Folhas  | Chá                      | Gastrointestinais,                           | LORENZI & MATOS (2008)         |
| Cajuzinho-do-campo | <i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.                        | Anacardiaceae                           | Pseudofrutos – castanha                               | <i>In natura</i>         | Afecções da pele                             | LORENZI & MATOS (2008)         |
| Canela             | <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume                          | Lauraceae                               | Folhas  | Chá (infusão)            | Digestivo, analgésico                        | LORENZI & MATOS (2008, p. 338) |
| Capim-cidreira     | <i>Cymbopogon citratus</i> (D.C.) Stapf                     | Poaceae (Gramineae)                     | Folhas  | Chá (infusão)            | Calmante                                     | LORENZI & MATOS (2008, p. 433) |

|                 |  |                                       |                                    |  |  |                               |
|-----------------|--|---------------------------------------|------------------------------------|--|--|-------------------------------|
| Cravo           | <b><i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. &amp; L.M. Perry</b>        | Myrtaceae                             | Folhas; frutos                     | Chá  | Antisséptico e analgésico  | CORRÊA (1984)                 |
| Cebola          | <b><i>Allium cepa</i> L.</b>   | Alliaceae                             | Casca                              | Infusão  | Má digestão, Vômito e náusea   | CARIBÉ & CAMPOS (1977)        |
| Cebolinha       | <b><i>Allium fistulosum</i> L.</b>                                   | Alliaceae (Anteriormente Liliaceae)   | Folhas                             | <i>In natura</i> , macerado ou chá                     | Digestivo, anti-inflamatório, antibacteriana, cardioprotetora, hipoglicemiante | LORENZI & MATOS (2008, p. 44) |
| Chapéu-de-couro | <b><i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. &amp; Schldl.) Micheli</b> | Alismataceae                          | Folhas                             | Chá  | Diurético e antidiabético  | LORENZI & SOUZA (2008)        |
| Cheiro verde    | <b><i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss</b>                      | Apiaceae (Umbelliferae)               | Raízes e sementes                  | Chá ( água fervente adicionada nas raízes ou sementes) | Digestiva, diurética, renal, edemas (inchaços)                                 | LORENZI & MATOS (2008)        |
| Chuchu          | <b><i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.</b>                              | Cucurbitaceae                         | Frutos                             | Cozidos  | Contra pressão arterial  | CARIBÉ & CAMPOS (1977)        |
| Coco            | <b><i>Cocos nucifera</i> L.</b>                                      | Arecaceae (Palmae)                    | Água, copra (carne do coco maduro) | <i>In natura</i>                                       | Água: soro natural, hidratante.  | LORENZI & MATOS (2008)        |
| Colorau         | <b><i>Bixa orellana</i> L.</b>                                       | Bixaceae                              | Folhas                             | Cozida (decocto)                                       | Enjoos   | LORENZI & MATOS (2008)        |
| Erva-cidreira   | <b><i>Cymbopogon citratus</i></b>                                    | Poaceae                               | Folhas                             | Chá (infusão)  | Digestivo, contra cólicas menstruais.  | LORENZI & MATOS (2008)        |
| Erva-sta-maria  | <b><i>Chenopodium ambrosioides</i> L.</b>                            | Amaranthaceae (Antiga Chenopodiaceae) | Folhas e raízes                    | Chá  | Emolientes, antipúrpúras   | LORENZI & MATOS (2008)        |
| Embaúba         | <b><i>Cecropia pachystachya</i> Trécul</b>                           | Urticaceae                            | Folhas                             | Cozida (decocto)                                       | Diurética, anti-hipertensiva e anti-inflamatória.                              | LORENZI & MATOS (2008)        |
| Eucalipto       | <b><i>Eucalyptus globulus</i> Labill</b>                             | Myrtaceae                             | Folhas                             | Chá  | Gripe, congestão nasal e sinusite.   | MATOS (2000)                  |

|               |  |  |                    |                          |  |                                  |
|---------------|--|--|--------------------|--------------------------|--|----------------------------------|
| Feijão-andu   | <b><i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.</b>                       | Fabaceae – Faboideae (Leguminosae-Papilionideae) | Folhas e flores    | Chá                      | Contra hemorragias, anti-inflamatório.                                   | LORENZI & MATOS (2008)           |
| Gabiroba      | <b><i>Campomanesia</i> so.</b>                                 | Myrtaceae  | Fruta              | <i>In natura</i>         | Combate a gripe; antidiarreicas  | VIEIRA (1992)                    |
| Gengibre      | <b><i>Zingiber officinale</i> Roscoe</b>                       | Zingiberaceae                                    | Raiz               | <i>In natura</i>         | Antivomitiva, anti-inflamatória, antirreumática, antiviral.              | LORENZI & MATOS (2008)           |
| Genipapo      | <b><i>Genipa americana</i> L.</b>                              | Rubiaceae  | Fruto; raiz; casca | In natura; chá; infusão' | Purgativo  | LORENZI & MATOS (2008)           |
| Goiabeira     | <b><i>Psidium guajava</i> L.</b>                               | Myrtaceae  | Brotos, folhas     | Chá (infusão)            | Diarreia (anti-infecciosa e reidratante)                                 | LORENZI & MATOS (2008)           |
| Guaco         | <b><i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. &amp; Zucc.</b>         | Aristolochiaceae                                 | Ramo               | Chá                      | Diurética, sedativa, estomáquica, antisséptica, diaforética e emenagoga. | LORENZI & MATOS (2008)           |
| Guiné         | <b><i>Petiveria alliacea</i> L.</b>                            | Phytolaccaceae                                   | Folha; raízes      | Chá                      | Analgésica e anestésica  | LORENZI & SOUZA (2008)           |
| Hortelã       | <b><i>Mentha spicata</i> L.</b>                                | Lamiaceae (Labiatae)                             | Folhas             | Chá                      | Calmante   | LORENZI & MATOS (2008, p. 312)   |
| Ipê           | <b><i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos</b> | Bignoniaceae                                     | Casca              | Chá                      | Anti-inflamatória, cicatrizante, analgésica, sedativa e tônica           | SOUSA; MATOS; MATOS et al (1991) |
| Insulina      | <b><i>Cissus verticillata</i> (L.) Jarvis</b>                  | Vitaceae   | Folhas             | Chá                      | Hipoglicemiante  | LORENZI & MATOS (2008)           |
| Jabuticabeira | <b><i>Myrciaria cauliflora</i> (DC.) O.Berg</b>                | Myrtaceae  | Entrecasca         | Chá (infusão)            | Circulação   | CARIBÉ & CAMPOS (1977)           |

|                  |  |               |                                  |                         |   |                        |
|------------------|--|---------------|----------------------------------|-------------------------|---|------------------------|
| Jambolão         | <b><i>Syzygium cumini</i></b><br>(L.) Skeels   | Myrtaceae     | Fruto; folhas                    | Chá; <i>in natura</i>   | Controla a glicose  | MATOS (2002)           |
| Jurubeba         | <b><i>Solanum paniculatum</i></b> L.           | Solanaceae    | Fruto; folha; raiz               | Chá; infusão            | Hepático e digestivo  | LORENZI & MATOS (2008) |
| Jatobá           | <b><i>Hymenaea courbaril</i></b> L.            | Fabaceae      | Fruto; casca                     | Chá                     | Expectorante  | PANIZZA (1998)         |
| Kalanchoe        | <b><i>Bryophyllum pinnatum</i></b> (Lam.) Oken | Crassulaceae  | Folha                            | <i>In natura</i>        | Gastrite  | MATOS (2000)           |
| Limão            | <b><i>Citrus limonun</i></b>                   | Rutaceae      | Fruto                            | Chá; <i>in natura</i> . | Fonte de vitamina c; antigripal   | ALBUQUERQUE (1989)     |
| Magnólia         | <b><i>Dillenia indica</i></b><br>Blanco        | Dilleniaceae  | Flores                           | Infusão                 | Adstringente, anti-séptica, antibacteriana, antiespasmódica, antiparasitária, antivirótica, aromática   | HUNT (1998).           |
| Mamão            | <b><i>Carica papaya</i></b> L.                 | Caricaceae    | Frutos, sementes, látex e raízes |                         | Fruto é considerado diurético, digestivo e laxante; a semente é a raiz considerada são consideradas vermífugas; o latex empregado para a solução de asma e diabete. | LORENZI & MATOS (2008) |
| Mamona           | <b><i>Ricinus communis</i></b> L.              | Euphorbiaceae | Folhas                           | <i>In natura</i>        | Dores reumáticas  | CORREA (1926)          |
| Mamica-de-cadela | <b><i>Brosimum gaudichaudii</i></b><br>Trécul  | Moraceae      | Casca; folha; raiz               | Chá                     | Vitiligo  | LORENZI & MATOS (2008) |

|                          |  |                                       |                                   |                             |  |                                  |
|--------------------------|--|---------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------|--|----------------------------------|
| Mangaba                  | <b><i>Hancornia speciosa</i> (Nees &amp; Mart.) Mull. Arg.</b> | Apocynaceae                           | Frutos, folhas, raízes            | <i>In natura</i> ; chás.    | Antidiabética                                  | MATOS (1999)                     |
| Manjericão               | <b><i>Ocimum basilicum</i> L.</b>                              | Lamiaceae                             | Folha                             | Chá (infusão)               | Digestivo, antibacteriano                      | LORENZI & MATOS (2008)           |
| Maracujá                 | <b><i>Passiflora edulis</i> Sims</b>                           | Passifloraceae                        | Frutos, folhas                    | Suco/chá                    | Calmante                                       | LORENZI (2008)                   |
| Mastruz                  | <b><i>Chenopodium ambrosioides</i> L.</b>                      | Amaranthaceae (Antiga Chenopodiaceae) | Folhas e raízes                   | Chá                         | Emolientes, antiblenorráguas                   | LORENZI & MATOS (2008)           |
| Melissa                  | <b><i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.</b>                     | Verbenaceae                           | Folha                             | Chá                         | Calmante                                       | MATOS (1996)                     |
| Melão-de-são-caetano     | <b><i>Momordica charantia</i> L.</b>                           | Cucurbitaceae                         | Folhas                            | Chá (infusão)               | Verminose e anti-inflamatória                  | MATOS (2007)                     |
| Noni                     | <b><i>Morinda citrifolia</i></b>                               | Rubiaceae                             | Fruto                             | Infusão; <i>in natura</i> . | Combate a diabete, entre várias outras doenças | SAMPAIO (2010)                   |
| Pau-terra-da-folha-larga | <b><i>Qualea grandiflora</i> Mart.</b>                         | Vochysiaceae                          | Folha                             | Chá                         | Cicatrizante                                   | VIERIA; MARIMON (2000)           |
| Picão                    | <b><i>Bidens pilosa</i> L.</b>                                 | Asteraceae                            | Folha                             | Chá                         | Icterícia                                      | ALMEIDA (1993)                   |
| Rosa-menina-branca       | <b><i>Rosa centifolia</i></b>                                  | Rosaceae                              | Flores                            | Chá                         | Anti-inflamatória                              | RODRIGUES (2002)                 |
| Romã                     | <b><i>Punica granatum</i> L.</b>                               | Lythraceae                            | Pricarpo (parte externa do fruto) | Infusão                     | Anti-inflamatório                              | SOUZA; MATOS; MATOS ET AL (1991) |

|                              |   |                |                    |                                |                                   |                            |
|------------------------------|---|----------------|--------------------|--------------------------------|-----------------------------------|----------------------------|
| Sabugueiro                   | <b><i>Sambucus australis</i></b><br>Cham. & Schltl.   | Adoxaceae      | Flores             | Secas                          | Cicatrizante                      | VIEIRA (1992)              |
| Samambaia                    | <b><i>Phlebodium decumanum</i></b><br>(Willd.) J. Sm. | Polypodiaceae  | Rizomas e raízes   | Chá                            | Indisposições renais              | LORENZI & MATOS (2008)     |
| Sangra-d'água                | <b><i>Croton urucurana</i></b> Baill.                 | Euphorbiaceae  | Resina; casca      | <i>In natura</i>               | Cicatrizante                      | LORENZI & MATOS (2002)     |
| Sucupira                     | <b><i>Pterodon emarginatus</i></b><br>Vogel           | Fabaceae       | Fruto              | Infusão                        | Diabete; estimulante alimentar    | LORENZI & MATOS (2008)     |
| Tamburil ou Orelha-de-macaco | <b><i>Enterolobium timbouva</i></b> Mart.             | Fabaceae       | Semente            | Chá                            | Anti-inflamatória                 | RODRIGUES (2002)           |
| Transagem                    | <b><i>Plantago major</i></b> L.                       | Plantaginaceae | Folha              | Chá                            | Diurética; antidiarreica          | VIEIRA; ALBUQUERQUE (1998) |
| Umbu ou imbu                 | <b><i>Spondias tuberosa</i></b> Arruda                | Anacardiaceae  | Fruto; casca, raiz | Chá, infusão, <i>in natura</i> | Antiverminose; anti-inflamatório. | LORENZI & MATOS (2000)     |
| Unha-de-vaca                 | <b><i>Bauhinia forficata</i></b>                      | Fabaceae       | Flores; folhas     | Chá                            | Controla a diabete                | RODRIGUES (2002)           |

### 5.2.1 Espécies comercializadas no Município de Três Lagoas-MS

No comércio, verificou-se que atualmente não há comerciantes que trabalham de forma direta com a venda de plantas Etnobotânicas. Porém, houve informações referentes a um senhor que vende raízes em uma loja na frente de sua residência. Este senhor foi procurado para uma entrevista, porém o mesmo se recusou a fornecer informações.

Já na feira local, a qual acontece todas as segundas-feiras e quartas-feiras no período noturno e no sábado na parte da manhã, foi localizado um informante que comercializa plantas, como se pode observar na Foto 1.

Foto 1: Comerciante de plantas medicinais na feira local no município de Três Lagoas-MS.



Joyce Juliete de Oliveira

Este informante, que se chama Adeildo de Oliveira, participa da feira local todos os sábados, onde ele comercializa plantas ornamentais e para fins medicinais. O mesmo trabalha neste ramo há 15 anos, sendo que uma parte das plantas é cultivada em sua chácara em Murutinga do Sul - SP, e outra parte ele compra na CEASA (Central de Abastecimento de Campinas S.A.) na cidade de Campinas - SP. As plantas medicinais comercializadas seguem identificadas na tabela abaixo.

Tabela 2: Identificação das plantas encontradas na feira local

| Nome popular      | Espécie                          | Família      | Parte utilizada          | Forma de utilização | Indicação medicinal                  | Fonte bibliográfica     |
|-------------------|----------------------------------|--------------|--------------------------|---------------------|--------------------------------------|-------------------------|
| <b>Alecrim</b>    | <i>Rosmarinus officinalis</i> L. | Lamiaceae    | Folhas                   | Chá (infusão)       | Digestivo                            | LORENZI & MATOS(2008)   |
| <b>Arruda</b>     | <i>Ruta graveolens</i> L.        | Rutaceae     | Raízes e folhas abortiva | Chá                 | Dores; anti-inflamatório; verminose. | LORENZI & MATOS (2008)  |
| <b>Avenca</b>     | <i>Avenca</i> sp.                | Adiantaceae  | Folhas                   | Infusão             | Enxaqueca                            | ALBUQUERQUE et al, 2005 |
| <b>Bálsamo</b>    | <i>Sedum dendroideum</i>         | Crassulaceae | Folhas                   | Chá                 | Anti-inflamatório                    | MATOS (1998)            |
| <b>Cambarazin</b> | <i>Lantana camara</i> L.         | Verbenaceae  | Folhas; flores           | Chá (decoção)       | Reumatismo; dores musculares,        | PANIZZA (1998)          |

| ho                        |                                      | contusões.                            |                 |                                      |   |                                  |
|---------------------------|--------------------------------------|---------------------------------------|-----------------|--------------------------------------|---|----------------------------------|
| <b>Carqueja</b>           | <i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC. | Asteraceae                            | Hastes; folhas  | Chá                                  | Afecções estomacais; intestinais e hepáticas. | CORRÊA (1984)                    |
| <b>Confrei</b>            | <i>Symphytum officinale</i> L.       | Boraginaceae                          | Folhas          | Chá                                  | Gastrointestinais,                            | LORENZI & MATOS (2008)           |
| <b>Erva-sta-maria</b>     | <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.   | Amaranthaceae (antiga Chenopodiaceae) | Folhas e raízes | Chá                                  | Emolientes, antiblenorrágicas                 | LORENZI & MATOS (2008)           |
| <b>Losna</b>              | <i>Artemisia absinthium</i> L.       | Asteraceae                            | Folha           | Chá                                  | Diurética; abortiva                           | SOUZA; MATOS; MATOS ET AL (1991) |
| <b>Orégano</b>            | <i>Origanum vulgare</i> L.           | Lamiaceae                             | Folhas; flores  | Chá – <i>in natura</i> – desidratado | Analgésico; estimulante digestivo.            | LORENZI & MATOS (2008)           |
| <b>Rosa-menina-branca</b> | <i>Rosa centifolia</i>               | Rosaceae                              | Flores          | Chá                                  | Anti-inflamatória                             | RODRIGUES (2002)                 |

### 5.3 FORMAS DE PREPARO

De acordo com a concepção do local e, muitas vezes, pessoal do que é doença, os entrevistados do município de Três lagoas, MS, conhecem uma variedade de formas de preparação de “remédios” e as administram no tratamento e prevenção dos mais variados males. A etnobotânica no município é composta de chás, lavagens, banhos, emplastros, plantas ou partes delas usadas *in natura*, sumos, compressas, tinturas, gargarejos, macerações, sucos, xarope e outras.

Entre as preparações terapêuticas mais utilizadas pela comunidade local se destacam as seguintes:

- Infusões “chás”): podem ser preparadas de diversos modos, dependendo da parte da planta a ser utilizada. A infusão é recomendada quando se utilizam as partes mais tenras das plantas, como folhas, flores, inflorescências e frutos, e devem ser preparadas vertendo água quente sobre o material e deixando em repouso por cerca de 20 minutos, depois coar e ingerir. A vasilha recomendada para fazer o preparo deve ser de louça ou de vidro,

“para não se perder as forças dos vegetais”. A decocção é usada para as partes das plantas mais duras, como cascas, raízes, sementes, caules e rizomas, preparado com o material em uma vasilha com água fria, levada ao fogo até a fervura. Após, coar e administrar nas dosagens recomendadas. Os chás são as preparações terapêuticas mais populares e são usados para quase todas as indicações de cura e prevenção das doenças, como, por exemplo, tosse, gripes, sífilis, diarreias, problemas de fígado, intestinos, coração, regular menstruação, calmante, vermes, diurético, cólicas, analgésico para dores em geral, pressão alta, colesterol, insônia, gonorréia, ressaca, derrame, taquicardia, rubéola, prisão de ventre, câncer, entre outras. Os chás são usados via interna, ingeridos.

- Lavagem: é preparada como chá (por decocção ou infusão) e usada para fazer limpezas de ferimentos, lavagens vaginais, corrimento, asseio vaginal, reumatismo, lavar olhos inflamados, impigens, frieiras, sarna, erisipelas, limpeza de queimaduras, entre outros. Os chás para lavagens são de uso externo.
- Banhos: são também usados os chás, que podem ser frios ou mornos e, em geral, banha-se a cabeça e, em algumas vezes, o corpo todo. É muito usado em: gripes, resfriados, caspa, bronquite, laringite, lêndeas, piolhos, asma, sarampo, catapora, sinusite, reumatismo, queda de cabelos, calmante, relaxamento, alergias e em problemas de ordem mística, feitiços, mau-olhado, criança aborrecida, quebranto, moleza de corpo, panemeira, limpeza de corpo, ganhar felicidade, abrir os caminhos da vida e outros.
- Emplastro: é preparado fazendo uma pasta do material com água, cachaça ou azeite, que pode ser quente ou fria, que coloca-se em uma gaze ou pano, aplica-se na parte afetada e faz-se um envoltório para manter por determinado tempo o preparado. É indicado para reumatismo, abscessos, baques, inchaços, problemas de pele, coceiras, frieiras, cicatrizar ferimentos, picadas de insetos e queimaduras.

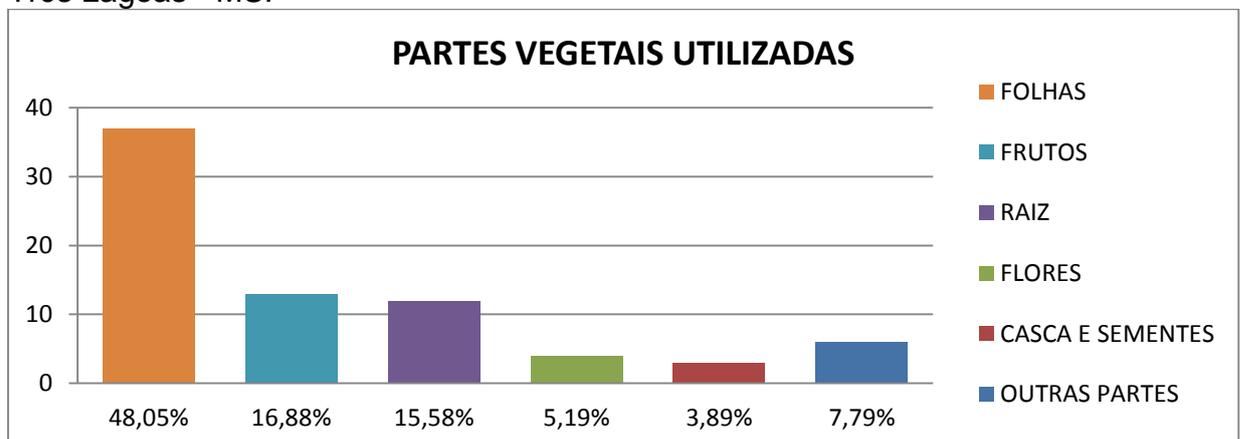
- *In natura*: quando a parte do vegetal é usada sem preparo algum. É aplicado diretamente na parte afetada, como o látex ou em algumas vezes poder ser ingerido, como no preparo de saladas e ingestão de frutos. É muito usado para: micoses, coceiras, fortificante, nutrição, alergias, cicatrizar feridas, boqueiras, picadas de insetos, anemia, calmante, insônia e outros.
- Sumos: são preparados por esfregamento de parte do vegetal para a obtenção do sumo, ou quando o material é mais duro pode ser aquecido e espremido para a obtenção do sumo. “É usada tanto interna como externamente, como para gastrite, frieira, dores de ouvido, cicatrizante, resfriados, asma, erisipela, sarna, dor de dente, entre outros” (LORENZI & MATOS, 2008 p.16)
- Compressas: são preparadas com os chás, podem ser usadas frias ou mornas, de acordo com o problema a ser combatido. Uma gaze ou pano deve ser umedecido no chá e aplicado diretamente no local afetado por reumatismo, queimaduras, erisipela, problemas de pele, coceiras, câimbras, pele seca, cólica menstrual, dores musculares e outros.
- Tinturas: são obtidas de material vegetal triturado colocado em álcool por 7 a 15 dias dependendo do material utilizado. Após este tempo, coá-lo e engarrafá-lo, estando pronto para uso em determinados casos, como cicatrizante de feridas, reumatismo, micoses, dor de cabeça, repelente, erisipela, baques, picadas de insetos e outros.
- Gargarejos: em forma de chás, que podem ser mornos ou frios, para bochechos com o líquido, e são usados na comunidade para garganta inflamada, aftas na boca e língua, amigdalite, nevralgias, tosse e mau hálito.
- Maceração: é feita mergulhando as partes do vegetal em água, álcool, vinho, cachaça, vinagre ou óleo, onde permanecem por algumas horas (flores, folhas e brotos) até alguns dias (cascas, raízes, caules e ramos), sendo usadas contra sarna, piolho, caspas, gastrite, erisipela, coceiras, etc.

- Suco: é obtido extraíndo-se o sumo dos frutos maduros e deve ser usado sem açúcar ou com mel, como fortificante, para anemia, gripe, fraqueza, laxante, diurética, insônia, ressaca, asma, albumina, calmante, hipertensão, garganta inflamada, problemas do coração, tuberculose e outros.
- Xarope: prepara-se a partir de chá ou maceração (em água), em que se acrescenta mel na proporção de uma parte para duas do extrato (chá ou macerado), é indicado para garganta inflamada, tosse com catarro, gripe, febre, tuberculose, bronquite, resfriados e outros.

### 5.2.1 Partes vegetais utilizadas

Os informantes do município de Três Lagoas - MS utilizam os mais diversos órgãos dos vegetais nas preparações medicamentosas, e, levando em conta a relação parte utilizada/planta, têm-se os seguintes resultados por ordem de indicação: folhas 37 indicações (48,05%), em seguida frutos 13 (16,88%), raiz 12 (15,58%), flores 4 (5,19%), casca e semente 3 (3,89%) e outras partes 6 (7,79%), como ramos, rizomas, castanhas, brotos e látex (gráfico 4). Isso demonstra que a folha e os frutos dos vegetais são as partes mais utilizadas na preparação de medicamentos fitoterápicos pela comunidade local, referentes às plantas coletadas (Gráfico 4).

Gráfico 4: Partes vegetais utilizadas na preparação dos medicamentos caseiros em Três Lagoas - MS.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No município de Três lagoas - MS há uma considerável utilização de plantas medicinais para a cura e prevenção de doenças. Foram citadas 81 espécies de plantas medicinais, identificadas através de 130 entrevistas.

A faixa etária dos informantes está compreendida em uma amostragem ampla e variada, indo de 20 a 79 anos, sendo que estes extremos são representados por pessoas do sexo masculino, enquanto as pessoas do sexo feminino atingiram um intervalo de 21 a 75 anos.

Já em relação ao nível escolar dos informantes, foi observado durante as entrevistas que os informantes mais velhos possuem escolaridade de nível fundamental ao médio, enquanto os informantes mais jovens possuem escolaridade de nível médio ao superior. Porém ficou claro que o grau de estudo do informante não é fundamental no seu conhecimento e uso das plantas medicinais. Em alguns casos, o informante demonstra a certeza de que seus conhecimentos são válidos, importantes e que eles podem contribuir muito. A relação entre conhecimentos aqui pretendida é o que Little (2010) define como intercientificidade:

A intercientificidade é entendida como as formas de interação entre os sistemas de conhecimento tradicional e o sistema da ciência moderna. Assim como os relacionamentos entre distintas culturas produz formas de interculturalidade, a inter-relação entre distintos sistemas de conhecimento científico produz formas de intercientificidade (Little, 2010, p.20).

Na maioria das entrevistas, foi possível observar que o conhecimento sobre a utilização das plantas para fins medicinais ou foi adquirido de forma hereditária, dentro da própria família, ou por um amigo ou vizinho próximo.

Sobre a estrutura domiciliar dos informantes, observou-se durante as entrevistas que todas as residências possuem água encanada e luz elétrica. Em relação ao tipo de piso utilizado nas residências, na maioria das casas é utilizada cerâmica, porém, em algumas residências também foi observada a utilização do contrapiso (piso feito de concreto).

Através da entrevista, foi observado que os informantes que vivem em Três Lagoas, MS, há mais tempo (moradores mais antigos) têm maior conhecimento

sobre plantas medicinais utilizadas na cidade e na região, enquanto aqueles moradores que moram no município há menos tempo têm pouco, e em alguns casos nenhum conhecimento sobre plantas medicinais utilizadas na cidade e na região. Na maioria dos casos, os informantes que residem no município há pouco tempo são migrantes atraídos pelas ofertas de trabalho no polo industrial.

Observou-se que os usos dos mesmos vegetais se diferenciam de um informante para o outro. Sendo que, em geral as mulheres possuem um conhecimento mais específico do uso das plantas para fins medicinais.

Para a maioria dos informantes o quintal é o ambiente mais explorado para coleta e cultivo das espécies medicinais. E as partes vegetais mais utilizadas dessas plantas nas preparações medicinais são as folhas, os frutos e raízes, sendo que, de acordo com os informantes, as formas de utilização mais frequente são: os chás; a infusão e *in natura*.

No comércio, verificou-se que atualmente não há comerciantes que trabalham de forma direta com a venda de plantas etnobotânica, com exceção a um feirante que monta barraca na feira local uma vez por semana. Sendo assim, não há caracterização de informantes referente ao comércio local.

Já em relação ao turismo no Município, verificou-se que a atividade turística no município é predominantemente de negócios pela sua proximidade com os rios da região, com o Estado de São Paulo e com o complexo industrial. De acordo com o Diretor da Secretaria Municipal de Turismo, a transformação do município em um pólo de turismo é um dos objetivos declarados da administração atual. Assim, é possível salientar o desenvolvimento do ecoturismo no município, como meio de fomentar o turismo local de forma sustentável.

Como grande indústria mundial, o turismo é, conseqüentemente, considerado um setor estratégico para se alcançar os objetivos de um desenvolvimento sustentável. A possibilidade em harmonizar esta atividade com o meio ambiente é possível com o desenvolvimento do ecoturismo.

Como uma alternativa de atividade ecoturística, é possível destacar a Etnobotânica para possíveis ofertas, como: a promoção de passeios pedestres para conhecimento da etnobotânica local; a criação de jardins didáticos para fins turísticos e educacionais; a promoção de feiras e encontros sobre o tema da etnobotânica local; o aumento da divulgação de produtos gastronômicos locais ligados às plantas utilitárias, entre outros atrativos.

Porém, após dados obtidos, notou-se que os percussores humanos para o desenvolvimento do ecoturismo, com foco na etnobotânica, não reconhecem esta potencialidade. Em muitos casos, e até no meio acadêmico, muitos nem sabem o que é Etnobotânica, tendo sempre que exemplificar, como por exemplo: “a utilização de planta para fins medicinais”. Ou em outros vários casos, ter que citar exemplos como: “chá de boldo”, entre outros.

Já o setor privado, está com foco nas oportunidades trazidas pela industrialização, e no momento, investir em atividades econômicas que visa o bem estar ambiental, social e cultura a logo prazo, na visão de muitos, não parece algo lucrativo.

Sendo que assim, com a realização da pesquisa, constatou-se que em Três Lagoas, a Etnobotânica faz parte do dia a dia da comunidade em geral, sendo que a utilização é consequência cultural, que na maioria dos casos é passada de geração para geração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB´SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil:** potencialidades paisagísticas, São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

ALBUQUERQUE, U. P. **A etnobotânica no nordeste brasileiro.** In: Tópicos atuais em botânica: palestras convidadas do 51o Congresso nacional de Botânica. Cavalcanti, T. B. (et al) – Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia / Sociedade Botânica do Brasil, 2000.

ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobotânica:** uma aproximação teórica e epistemológica. Revista Brasileira de Farmácia, 1997.

ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia e Biodiversidade.** Recife: LivroRápido/ NUPEEA, 2005.

ALBUQUERQUE, J. M. Plantas medicinais de uso popular. Brasília: ABEAS/ MEC, 1989.

ALBUQUERQUE, U. P. **Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais.** Acta. bot. Bras, 1999.

ALBUQUERQUE, U. P. **Referências para o estudo da etnobotânica dos descendentes culturais do Africano no Brasil.** Acta Farm. Bonaerense, 1999.

ALBUQUERQUE, U.P. **Etnobotânica aplicada para a conservação da biodiversidade.** In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. (orgs). Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica. Recife: Editora LivroRápido/ NUPEEA, 2004.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & NETO, E.M.F.L. **Seleção e escolha dos participantes da pesquisa.** In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. P. & CUNHA, L.V.F.C.(orgs.) Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica - 2ª edição. Recife: NUPEEA, 2008.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. de (Orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica.** Recife: LivroRápido/NUPPEA, 2004.

ALEXIADES, ,M. N (ed). **Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A Field Manual.** New York, USA: The New York Botanical Garden, 1996.

ALMEIDA, C. de F. C. B. R. de, **Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco:** um estudo de caso no Agreste. Recife:

Universidade Federal de Pernambuco. 2001 – (Trabalho de Conclusão de Curso), 2001.

ALMEIDA, E. R. de. **Plantas medicinais**: conhecimentos populares e científicos. São Paulo: HEMUS, 1993.

AMOROZO, M.C.M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. p.47-68. In: L.C. Di Stasi (org.). **Plantas medicinais**: arte e ciência - um estudo interdisciplinar. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

AMOROZO, M. C. de M. & GÉLY, A. **Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barbacena, PA, Brasil**. Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, Ser. Bot. Belém, 1998.

BARBOSA R., J. **A Botânica nomenclatura indígena e seringueiras**. Edição comemorativa do sesquicentenário de João Barbosa Rodrigues. Patrocínio: Fundação Andorinha Púrpura. Apoio: Sociedade Amigos do Jardim Botânico Rio de Janeiro/ IBAMA/ Jardim Botânico Rio de Janeiro, 1996.

BEGOSSI, A. **Estudos etnobotânicos em comunidades caiçaras**. In: I Workshop Brasileiro de Etnobotânica e Botânica Econômica. Congresso Nacional de Botânica (45: 1996: Nova Friburgo). Resumos, Nova Friburgo 1996.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 4. ed. rev. São Paulo: SENAC, 2001.

BERG, M. E. **Plantas medicinais na Amazônia – Contribuição ao seu conhecimento sistemático**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

BRASIL, Ministério da Saúde – Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. 1ª edição. Brasília – DF: MS, 2006.

BRASIL/IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE**, 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Conselho de Gestão do Patrimônio Genético**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/patrimonio-genetico/conselho-de-gestao-do-patrimonio-genetico/aceso-ao-patrimonio-genetico-e-aos-conhecimentos-tradicionais-associados>> Acesso em: dez de 2013.

CALIXTO, J.S. & RIBEIRO, E.M. **O cerrado como fonte de plantas medicinais para uso dos moradores de comunidades tradicionais do Alto Jequitinhonha, MG**, 2004.

CAMARGO, M. T. L. **Medicina popular**: aspectos metodológicos para pesquisa, garrafada, objeto de pesquisa, componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral. São Paulo

CAMPELO, C. R. **Contribuição ao estudo das plantas medicinais no Estado de Alagoas** V. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA (36: 1985: Curitiba). Anais Brasília v. 2, 1984.

CARDOSO, R. C. L. *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

CARVALHO, O.C.; PINTO, G.A. Ações educativas acerca do resgate do saber popular e do uso das plantas medicinais junto às escolas de São João Del Rey-MG. In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária: As fronteiras da extensão, 5, 2011. Porto Alegre. Anais... Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0173-5/Apresenta.html>> Acesso em: out de 2013.

CARVALHO, P.E.R. *Espécies arbóreas brasileiras*. Paraná: Embrapa Informação Tecnológica e Embrapa Florestas, 2003b. Volume 1 (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras).

\_\_\_\_\_. *Espécies arbóreas brasileiras*. Paraná: Embrapa Informação Tecnológica e Embrapa Florestas, 2006. Volume 2 (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras).

\_\_\_\_\_. *Espécies arbóreas brasileiras*. Paraná: Embrapa Informação Tecnológica e Embrapa Florestas, 2008. Volume 3 (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras).

\_\_\_\_\_. *Espécies arbóreas brasileiras*. Paraná: Embrapa Informação Tecnológica e Embrapa Florestas, 2010. Volume 4 (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras).

CARRARA, D. Possangaba. **O pensamento médico popular**. Ribro Soft Editoria e Informática Ltda. RJ-Brasil, 1995.

CASTELLS. M. **O Poder da Identidade**. Oxford: Blackwel, 1999.

CORRÊA, M.P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio Janeiro: Ministério da Agricultura Indústria e Comércio, v I, 1926.

CORIOLANO, L. N. M. T. **Os limites do desenvolvimento e do turismo**. In: CORIOLANO, L. N. M. T. (Org.). *O turismo de inclusão e o desenvolvimento local*. Fortaleza: FUNECE, 2002.

CORRÊA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas** VI: CAR-E. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1984.

CORRÊA, A. D. SIQUEIRA-BATISTA, R. & QUINTAS, L. E. M. **Plantas medicinais** – do cultivo a terapêutica. 2º ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

CORREA, C.; MING, L. & SCHEFFER, M. C. **Cultivo de plantas medicinais, condimentares e aromáticas**. Emater, Curitiba, 2001.

COTTON, C. M. *Ethnobotany: Principles and Applications*. John Wiley & Sons. Chischester (United Kingdom). 1996

CRUZ, G.L. da. **Livro verde das plantas medicinais industriais do Brasil**. 1a ed. Belo Horizonte, Velloso, 1965.

DE PAULA, F., RAMOS, E. F., LOCKS, M., CARVALHO, M. S. & BELTRÃO, M. – “**Estudo Preliminar Etnobotânico na Comunidade Sertaneja da Região Arqueológica de Central – BA**”, RESUMOS, 52º Congresso Nacional de Botânica e XXIV Reunião Nordestina de Botânica, sessão II, n.0391, p. 94, 2001, João Pessoa, Paraíba.

DIÁRIO MS. Disponível em: <http://www.diarioms.com.br/?s=tres+lagoas>. Acesso em 23 de jan 2014.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DIEGUES, A. C.; ANDRELLO, G. & NUNES, M. **Populações tradicionais e biodiversidade na Amazônia**: levantamento bibliográfico georreferenciado. In: *Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios*. Capobianco, J. P. R. et al. – São Paulo: Estação Liberdade: Instituto Sócioambiental, 2001.

DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R. S. V. (orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. – Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

ELISABETSKY, E. **Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras**. In: RIBEIRO, D. (Editor) *Suma etnológica brasileira*. Petrópolis: Ed. Vozes. V.1 Etnobiologia, 1986.

EMBRATUR – **Oportunidade de Negócio em Três Lagoas e Brasilândia – MS – Oportunidades para micro e pequenas empresa**. Manual 2012.

FRANCO J. A. **Nova Flora de Portugal** (Continente e Açores) – vol III –fascículo 3 Juncaceae – Orchidaceae; Escolar editora; Lisboa; Portugal, 2002.

GOVERNO /MS **Governo do Estado de Mato Grosso do Sul**. Municípios. Disponível no site <http://www.ms.gov.br>. Acesso em nov de 2013.

GUARIM NETO, G.; SANTANA, S. R. & BEZERRA DA SILVA, J. V. **Notas etnobotânica de espécies de Sapindaceae Jussieu**. Acta bot. bras. V. 14, n. 3, p. 327-334, 2000.

GUARIM NETO, G. **Refletindo sobre ambiente e cultura** – a etnobiologia, a etnoecologia, a etnobotânica: o saber tradicional instalado e mantido. Tangará da Serra, MT, jun. 2008. Disponível em: <need.unemat.br/3\_forum/artigos.html>. Acesso em: nov. 2013.

GIL A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5a ed. São Paulo: Atlas, 1994.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Enciclopédia dos municípios Brasileiros. XXIX Volume. Rio de Janeiro, 1957. p.179-181. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=353240>> Acesso em: nov de 2012.

IGNARRA, Luiz R. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

KOTLER, P. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação de controle**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

KURTZ, B. C.; ARAÚJO, D. S. D. de. **Composição florística e estrutura do componente arbóreo de um trecho de Mata Atlântica na Estação Ecológica Estadual do Paraíso, Cachoeiras de Macacu, Rio de Janeiro, Brasil**. Rodriguésia: Revista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, RJ, v. 51, n. 78/79, 2000.

LENTZ, D. L. Medicinal and other economic plants of the Paya of Honduras. Economic Botany. 47 (4): 358-370, 1993.

LÉVI-STRAUSS, C. **A ciência do concreto**. In: O pensamento selvagem. Campinas: Papirus, 1989.

LORENZI, H. & MATOS, F.J. A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas**. Nova Odessa, Sp: Instituto Plantarum, 2002.

LORENZI, H. & SOUZA, H. M. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 4º edição. Instituto Plantarum, Nova Odessa – SP, 2008.

LORENZI, H. & MATOS, F.J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2º edição. Instituto Plantarum, Nova Odessa – SP, 2008.

MARTINS, J. E. C. **Plantas medicinais de uso na Amazônia**. 2a ed. Belém: CEJUP, 1989.

MATOS, F. J. A. **Planta medicinais** – guia de seleção de emprego de plantas usadas em fitoterapia no nordeste do Brasil. Imprensa Universitária/Edições UFC, Fortaleza, 2000.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo - Rio de Janeiro, HUCITEC – ABRASCO, 1992.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional do Turismo: diretrizes, metas e programas**. Brasília. Disponível em [www.embratur.gov.br](http://www.embratur.gov.br). Acesso em jan. de 2014.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Programa de regionalização do turismo: roteiros do Brasil**. Brasília. Disponível em [www.embratur.gov.br](http://www.embratur.gov.br). Acesso em jan. de 2014.

MING, L. C. **Levantamento das plantas medicinais na reserva extrativista “Chico Mendes”** – Acre. Botucatu, UNESP, 1995, 175 p. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas). UNESP, 1995.

MING, L.C. **A etnobotânica na recuperação do conhecimento popular**. 2009. Disponível em: <[http://www.fazendadocerrado.com.br/Lin\\_Chau\\_Ming.pdf](http://www.fazendadocerrado.com.br/Lin_Chau_Ming.pdf)> Acesso em: jan. de 2014.

MING, L.C.; HIDALGO, A. de F. & Silva, S.M.P. da. **A Etnobotânica e a conservação de recursos genéticos**. In: ALBUQUERQUE, U.P. (Org). *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. Recife: SBEE, 2002.

MORANDIM, A. A.; BERGAMO, D.C.B.; CAVALHEIRO, A.J.; LOPES, M.N.; YOUNG, M.C.M.; KATO, M.J.; BOLZANI, V.S.; FURLAN, M. **Potencial antifúngico e antitumoral de metabólitos de Piper aduncum**. 25<sup>a</sup>. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2002.

MORAIS, R. G.; JORGE, S. S. A. & GUARIM NETO, G. **Pesquisas regionais com informações sobre plantas medicinais**. In: Coelho, M. F. B.; Costa Junior, P.; Dombroski, J. L. D. (Org.) *Diversos olhares em Etnobotânica, Etnoecologia e Plantas Medicinais*. Anais do I Seminário Mato Grossense de Etnobiologia e Etnoecologia e II Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais. Cuiabá: UNICEN, 2003.

MORS, W. **Plantas medicinais**. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 51-54, 1982.

OLIVEIRA, A. M. de. **Aspectos técnicos e ambientais da produção de melão na Zona Homogênea Mossoroense, com ênfase ao controle da mosca-branca e da mosca-minadora. Mossoró-RN.** 2008. 177f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Área de concentração: Agricultura Tropical, Mossoró-RN, 2008.

OLIVEIRA, F.C. et al. **Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil.** Acta Botanica Brasilica, v.23, n.2, 2009.

OMT. **Desenvolvimento do turismo sustentável:** manual para organizadores locais. Brasília: OMT, 1995.

PARENTE, C. E. T. & ROSA, M. M. T. da. **Plantas comercializadas como medicinais no município da Barra do Piraí, RJ.** Rodriguésia, 2001.

PELLEGRINI F. A. **Dicionário Enciclopédico de Ecologia e Turismo.** 1ª. Ed. São Paulo: Manole, 1993.

PEREIRA-MARTINS, N. C. **Abordagem etnobotânica de plantas medicinais e alimentícias na comunidade negra de Abacatal, Ananindeua – PA.** Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, 2001. 138 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia).- FCAP, 2001.

PERONI, N.; BEGOSSI, A. & HANAZAKI, N. **Artisanal fishers ethnobotany:** from plant diversity use to agrobiodiversity management. Environment, Development and Sustainability, 2008.

PINTO, E. D. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. **Conhecimento popular sobre plantas medicinais rurais de mata atlântica.** Itacaré, BA, Brasil. Acta Bol. Bras. Vol. 20. São Paulo, 2006.

PRANCE, G. T. What is ethnobotany today? Journal of Ethnopharmacology v. 32, p. 209-216, 1991.

POSSE (2007) - **Plantas medicinais utilizadas pelos usuários do SUS nos bairros de Paquetá e Santa Teresa: uma abordagem etnobotânica/** Juliana Costa Posse.- Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Farmácia, 2007.

POSEY, D. A. **Etnobiologia e etnodesenvolvimento:** importância da experiência dos povos tradicionais. In: seminário internacional sobre meio ambiente, pobreza e desenvolvimento da Amazônia, Belém. Anais. Belém: Governo do Estado do Pará, 1992.

POSEY, D. A. **Etnobiologia**: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. (ed.). Suma etnológica brasileira – 1. Etnobiologia. Vozes/Finep: Petrópolis, 1987.

POSEY, D. A. **Introdução** – “Etnobiologia: teoria e prática”, “Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia”, “Manejo da floresta secundária: capoeiras, campos e cerrados (Kayapo)”. In: Suma Etnológica Brasileira. vol. 1.- Etnobiologia. RIBEIRO, B. (org.). Petrópolis: FINEP/Vozes. pp. 15-25, 251-272 e 173-185, 1985.

POTT, A.; POTT, V.J. **Plantas do Pantanal**. Brasília: Embrapa, 1994.

POTT, V.J.; POTT, A. **Plantas aquáticas do Pantanal**. Brasília: Embrapa, 2000.

POTT; POTT; SOBRINHO –Plantas úteis à sobrevivência no Pantanal – IV Simpósio sobre recursos naturais e socioeconômicos do Pantanal – Corumbá/MS – 23 a 26 de nov. 2004.

RIBEIRO, B. (org.). **Suma etnológica brasileira**. vol. 1 – Etnobiologia.. Petrópolis: FINEP/Vozes.

RIBEIRO, F. M. de B.; CASCAES, I. B.; JESUS, M. A. S. de. **Consequências da expansão urbana de Macapá sobre a Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Curiaú**. Macapá: UNIFAP, 2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: Métodos e técnicas. 3° Ed. São Paulo: ATLAS, 1999.

RODRIGUES, E.; CARLINI, E. A. **Plants with possible psychoactive effects used by the krahô Indians**. Brasil. Rev. Bras. Psiquiat., 2006.

RODRIGUES, V. E. G. & CARVALHO, D. A. **Plantas medicinais no domínio dos cerrados**. Editora UFLA, Lavras – MG, 2001.

RODRIGUES, A.C.C.; GUEDES, M.L.S. **Utilização de plantas medicinais no Povoado Sapucaia, Cruz das Almas - Bahia**. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v.8, n.2, 2006

ROMAN, A. L. C. **Plantas medicinais da Restinga da Princesa, Algodal, Maracanã, Pará. Belém**: FCAP, 2001. 103 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – FCAP, 2001.

SEBRAE. **Oportunidades de negócios em Três Lagoas e Brasilândia – MS**. Adensamento da cadeia produtiva do petróleo, gás e energia do território de influência da unidade fertilizantes nitrogenados UFN III e da Usina Termelétrica Luís Carlos Prestes (UTE-ICP) em Três Lagoas/MS (2011 - 2014). SEBRAE, 2012.

SILVA, R. B. L. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil.** Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém 2002

SILVA, J.O. & SOUZA, P.S.. **Levantamento Etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela população da vila Canaã região Sudoeste – Goiânia – GO.** Ciência Agrotécnica v. 32, p. 87-88, 2007. Artigo disponível em: <http://anhanguera.edu.br/home/index2>. Acesso em jan. de 2014.

SIMÕES, C. M. O., MENTZ, L. A., SCHENKEL, E. P., IRGANG, B. E. & STERHMANN, J. R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul.** 5a ed. Porto Alegre. Ed. Universitária, UFRGS, 1998.

SOUZA, M. P.. MATOS, M. E. O.; MATOS, F. J. A. et al. **Constituintes químicos de plantas medicinais brasileiras.** Imprensa Universitária/UFC, Fortaleza, 1991.

SOUZA, L. F. **Estudo Etnobotânico na comunidade de Baús:** o uso de plantas medicinais (Município de Acorizal. Mato Grosso) (Dissertação de Mestrado). ISC/UFMT/Cuiabá. 151p. 1998.

SOUSA, R.S. **Etnobotânica e Etnozootologia de Comunidades Pesqueiras da Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba, Nordeste do Brasil.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN), 1998.

SOUZA M. L. L. - **Comunidade de Jupiá em Três Lagoas / MS: estudo de caso com enfoque no turismo gastronômico como estratégia de desenvolvimento local.** 2007 – Dissertação disponível em: <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/7939-comunidade-de-jupia-em-tres-lagoas-ms-estudo-de-caso-com-enfoque-no-turismo-gastronomico-como-estrategia-de-desenvolvimento-local.pdf>. Acesso em nov de 2013.

SUDAM. C.&T. GENAMAZ. **Estudo do potencial de mercado de fármacos (medicamentos e cosméticos), fitomedicamentos, bancos de extratos e compostos e serviços de patenteamento e certificação:** relatório final. Belém, 2000.

VASCONCELLOS, M. C. **Um olhar etnobotânico para os usos dos recursos vegetais dos terreiros de uma comunidade remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira, SP.** 2004. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. 2004.

VIEIRA, L.S.; ALBUQUERQUE, J.M. **Fitoterapia tropical**: manual de plantas medicinais. Belém: Faculdade de Ciências Agrárias do Pará / Serviço de Documentação e Informação, 1998.

VIEIRA, L. S. **Fitoterapia da Amazônia**. Manual das plantas medicinais. São Paulo: Editora Ceres. 1992.

VIERTLER, R. B. **Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em etnobiologia e etnoecologia**. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C & SILVA, S.M.P. (Orgs). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro, UNESP/CNPq, 2002.

VILA VERDE, G.M.: PAULA, J.R.; CARNEIRO, D. M. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO). Revista Brasileira de Farmacognosia, v. 13, supl., p. 64-66, 2003.

YEPES, S. **Introducción a la etnobotánica colombiana**. Publicación de la Sociedad Colombiana de Etnología, 1953.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

## APÊNDICES

### Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

##### “ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS NO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS/MS E SUA POTENCIALIDADE COMO ATRATIVO TURÍSTICO LOCAL.”

Você está sendo convidado a participar em uma pesquisa e precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Este estudo está sendo conduzido pelo Professor Dr<sup>o</sup> Arnildo Pott da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e sua orientanda Joyce Juliete de Oliveira do curso de Mestrado em Geografia.

Este estudo está sendo desenvolvido para identificar as plantas utilizadas em residências, feiras, mercados e outros pontos de comércio para fins alimentícios, artesanato ou para remédio e avaliar o potencial de aproveitamento sustentável dessas espécies de acordo com os entrevistados.

#### **Para que o estudo está sendo feito?**

Para Identificar espécies de plantas que são utilizadas e/ou comercializadas no Município de Três Lagoas/MS. Identificar os locais onde são cultivadas, o seu local de origem, quais são as pessoas que fazem parte do processo desde a coleta/caça e também para saber de onde partiu o estímulo para iniciar/continuar na atividade.

#### **Quem participará deste estudo? Quais são os requisitos?**

Qualquer pessoa poderá participar deste estudo, após a autorização e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. De preferência, serão buscadas pessoas com idade acima de 21 anos e que sejam responsáveis pela comercialização ou produção do produto utilizado.

**O que serei solicitado a fazer?**

Você será entrevistado sobre a origem das plantas, forma de obtenção (cultivo, extrativismo das plantas) e situação socioeconômica (renda), escolaridade, sexo, local de nascimento e tempo de trabalho, época de colheita e comercialização (se for o caso).

**Você autoriza que fotos suas e do seu estabelecimento sejam tiradas?**

Sim  NÃO

**Durante as entrevistas poderá ser utilizado gravador de voz e imagem.**

**Você autoriza gravar a sua entrevista**

Sim  NÃO

**Quanto tempo estarei no estudo?**

A entrevista será feita no próprio local de cultivo do produto no período de agosto a novembro de 2013.

**Que prejuízos (ou eventos adversos) podem acontecer comigo se eu participar deste estudo?**

Você não corre nenhum tipo de risco e não terá prejuízos em participar do estudo.

**Quem poderá ver os meus registros / respostas e saber que eu estou participando do estudo?**

Somente a pesquisadora que realizará a entrevista e o Coordenador e Orientador do trabalho Prof. Dr. Arnildo Pott terão acesso às informações. Caso aceite participar das entrevistas você não será identificado pelo nome e sim pelo “número do informante” que será dado conforme a ordem das entrevistas.

**Eu serei informado do surgimento de informações significativas sobre o assunto da pesquisa?**

Sim, à medida que surgirem novidades sobre as plantas você será informado.

**Quem devo chamar se tiver qualquer dúvida ou algum problema?**

Para perguntas ou problemas referentes ao estudo ligue para Joyce Juliete de Oliveira no telefone (18) 9725-4180. Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS.

**Eu posso recusar a participar ou pedir para sair do estudo?**

Sua participação no estudo é voluntária. Você pode escolher não fazer parte do estudo, ou pode desistir a qualquer momento. Você receberá uma via assinada deste termo de consentimento.

**Declaro que li e entendi este formulário de consentimento e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas e que sou voluntário a tomar parte neste estudo.**

---

Assinatura do voluntário

---

Nome do voluntário

Local e data:

---

---

Pesquisador Responsável: Joyce Juliete de Oliveira

Local e data:

---

*Observação: Assine a terceira página e rubrique as duas anteriores.*

## **Apêndice B: Entrevista semiestruturada**

### **ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

#### **I. Identificação do informante e do núcleo familiar**

1.1- Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

1.2- Ano de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1.3- Naturalidade: \_\_\_\_\_

1.4- Há quantos anos mora em Três Lagoas: \_\_\_\_\_

#### **II. Identificação do núcleo familiar**

2.1- N° de pessoas que moram na casa:

( ) idosos ( ) adultos ( ) adolescentes ( ) crianças

2.2- Principais atividades desenvolvidas pelos responsáveis do grupo familiar:

\_\_\_\_\_

#### **III. Dados da propriedade**

3.1- Tipo de habitação

3.2- Histórico da propriedade:

- Há quanto tempo mora aqui? \_\_\_\_\_
- Como era aqui quando a família - você chegou? \_\_\_\_\_

#### **IV. Dados sobre o manejo do quintal**

4.1- Como denomina o espaço próximo à casa?

\_\_\_\_\_

4.2- Quem cuida desse espaço?

\_\_\_\_\_

4.3- Quais plantas você tem em seu quintal?

| PLANTAS | PARA QUE SERVE? |
|---------|-----------------|
| 1-      | 1-              |
| 2-      | 2-              |
| 3-      | 3-              |
| 4-      | 4-              |
| 5-      | 5-              |

4.4- Você consome as plantas que cultiva?

---

4.5- Você realiza alguma atividade de compra e venda dessas plantas?

---

4.6- Você compartilha essas plantas com alguém?

---

4.7- Se você não as tem onde você vai procurar?

---

4.8- O que está faltando em seu quintal?

---

4.9- O que o quintal representa pra você e para sua família?

---

## **V. Dados sobre o conhecimento e a transmissão do mesmo**

5.1 As plantas que você tem em seu quintal servem pra quê:

( ) alimento ( ) remédio ( ) ritual - religioso ( ) decorativo

( ) brincadeira ( ) outros

5.2- Com quem você tomou “gosto” por plantas. Onde aprendeu o que sabe?

---

---

5.3- E você ensina isso pra alguém? Porque?

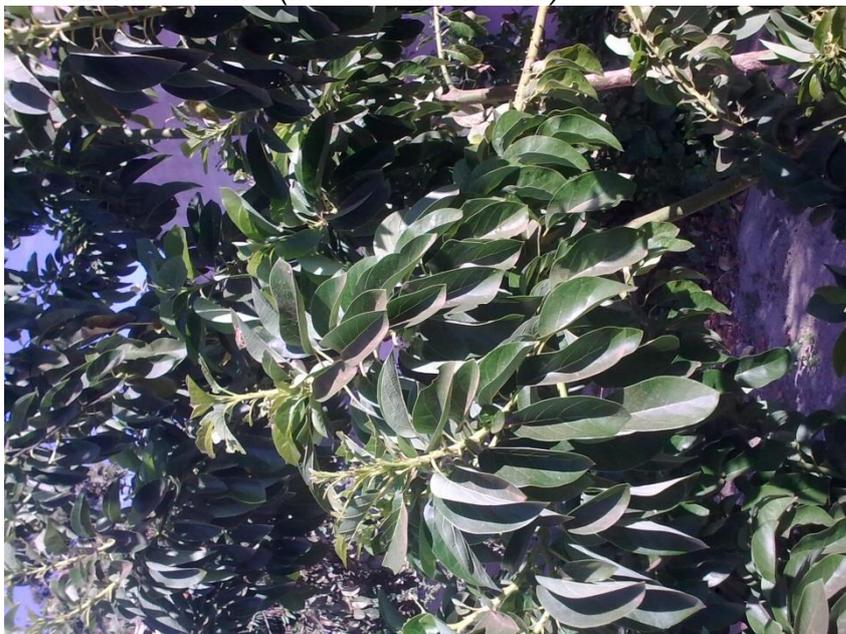
---

---

## ANEXOS

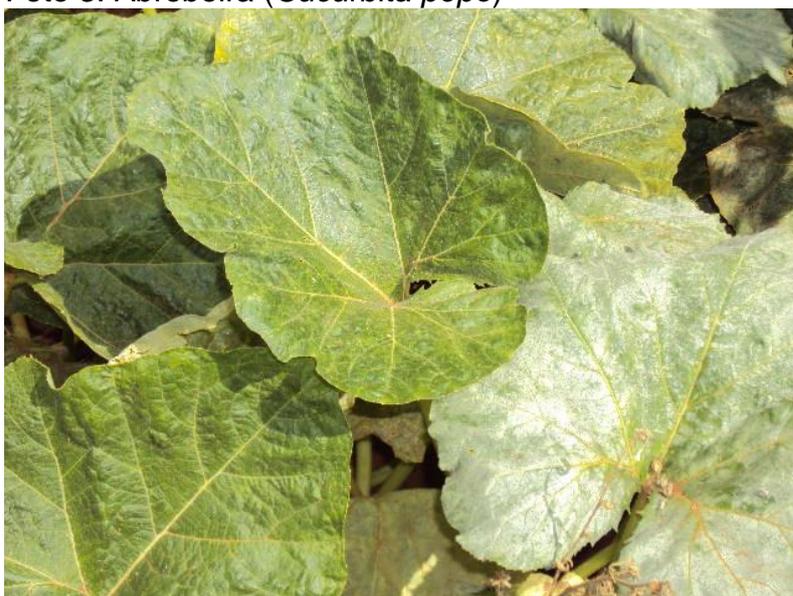
**Anexo A:** Plantas utilizadas para fins medicinais encontradas em residências no Município de Três Lagoas/MS

Foto 2: Abacateiro (*Persea americana*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 3: Abrobeira (*Cucurbita pepo*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 4: Acerola (*Malpighia emarginata*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 5: Alfavaca (*Ocimum basilicum*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 6: Alfazema: (*Aloysia virgata* (Ruiz & Pav.) A. Juss.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 7: Amoreira: (*Morus nigra* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 9: Araticum (*Annona coriacea* Mart.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 10: Angico (*Anadenanthera colubrina*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 11: Arruda (*Ruta graveolens* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 12: Babosa (*Aloe vera*)



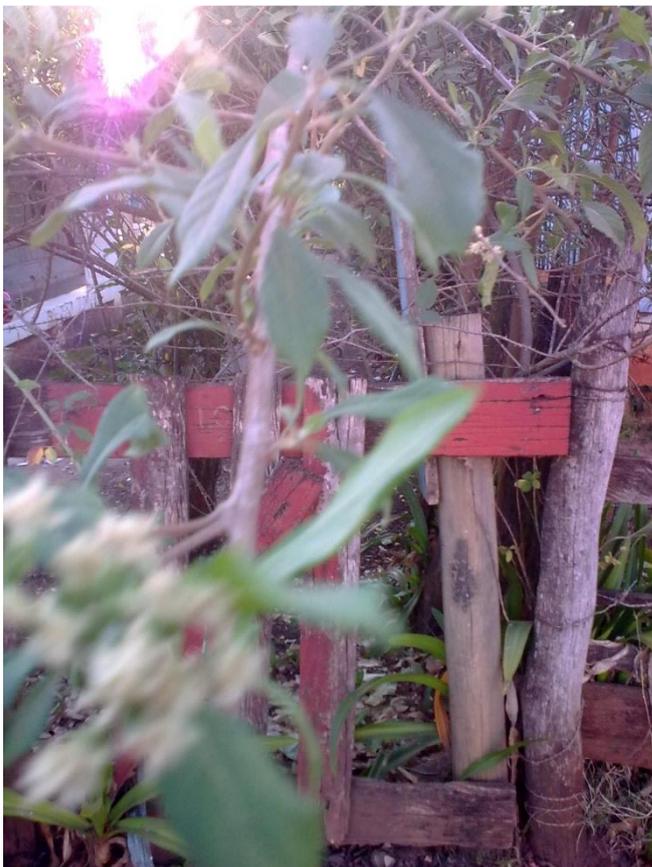
Joyce Juliete de Oliveira

Foto 14: Boldo (*Plechtranthus barbatus*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 15: Caferana (*Gymnanthemum amygdalinum*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 16: Caju (*Anacardium occidentale* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 17: Embaúba (*Cecropia pachystachya* Tréc.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 18: Erva Cidreira (*Cymbopogon citratus*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 19: Erva de Santa Maria (Mastruz) (*Chenopodium ambrosioides*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 20: Feijão andu (*Cajanus cajan*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 21: Gabiroba (*Campomanesia* sp.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 22: Gengibre (*Zingiber officinalis*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 23: Genipapo (*Genipa americana* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 24: Guiné (*Petiveria alliacea* L. )



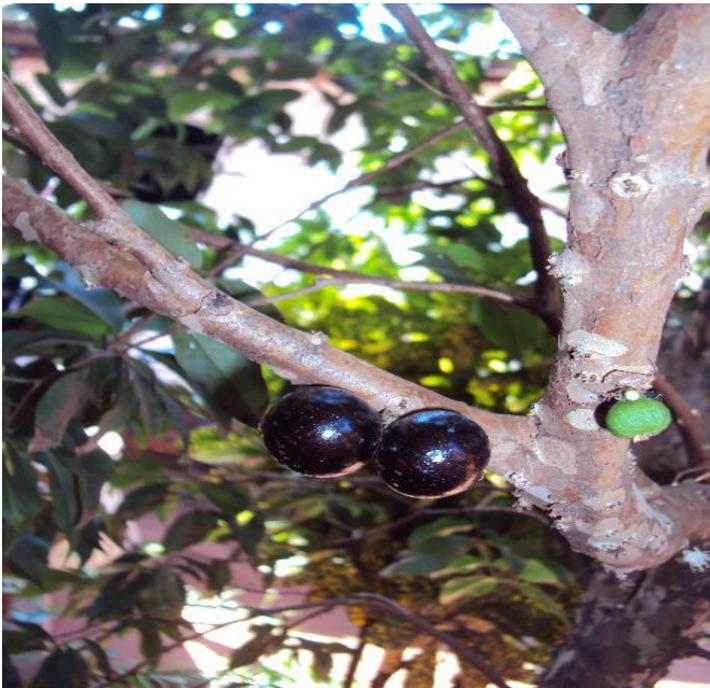
Joyce Juliete de Oliveir

Foto 25: Hortelã (*Mentha spicata*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 26: Jabuticabeira (*Myrciaria cauliflora* (DC.) O. Berg)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 27: Jatobá (*Hymenaea courbaril* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 28: Jurubeba (*Solanum paniculatum* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 29: Kalachue (*Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 30: Magnólia (*Dillenia indica* Blanco)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 31: Mamica de cadela (*Brosimum gaudichaudii* Trécul)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 32: Melissa (folha grossa): (*Lippia alba* (Mill.) N.E. Br.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 33: Noni (*Morinda citrifolia* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 34: Rosa-menina-branca (*Rosa centifolia*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 35: Sabugueiro (*Sambucus australis*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 36: Samambaia (*Phlebodium decumanum* (Willd.) J. Sm.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 37: Sucupira (*Pterodon emarginatus* Vog.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 38: Umbu ou Imbu (*Spondias tuberosa* Arruda)



Joyce Juliete de Oliveira

**Anexo B:** Plantas utilizadas para fins medicinais encontradas n feira local no Município de Três Lagoas/MS.

Foto 39: Alecrim (*Rosmarinus officinalis*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 40: Arruda (*Ruta graveolens* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 41: Avenca (*Adiantum* sp.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 42: Balsámo (*Sedum dendroideum* (falta na lista))



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 43: Cambarazinho (*Lantana camara* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 44: Carqueja (*Baccharis trimera* DC.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 45: Confrei (*Symphytum officinale*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 46: Losna (*Artemisia Absinthium L.*)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 47: Erva de Santa Maria (*Chenopodium ambrosioides* L.)



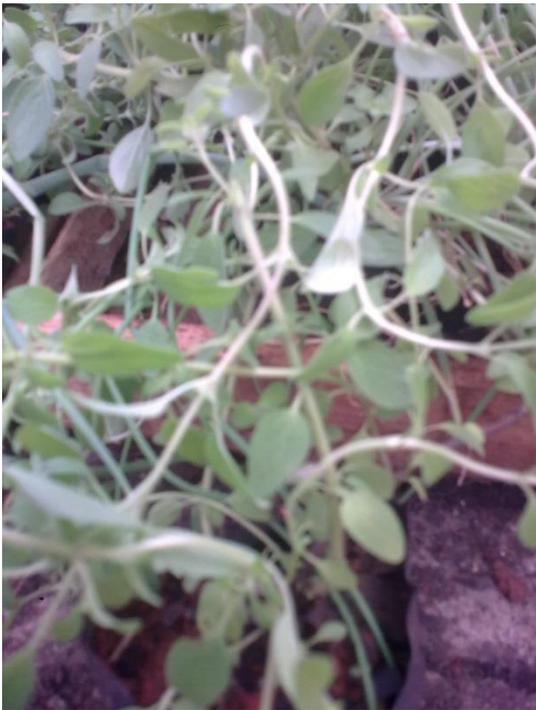
Joyce Juliete de Oliveira

Foto 48: Matruz (*Chenopodium ambrosioides* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 49: Orégano (*Origanum vulgare* L.)



Joyce Juliete de Oliveira

Foto 50: Rosa menina branca (*Rosa centifolia*)



Joyce Juliete de Oliveira